

# tur'ntogreen

DANIELA ALEXANDRA DOS SANTOS MELO

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura  
Sob Orientação do Professor Doutor João Paulo Cardielos  
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra  
Departamento de Arquitectura  
Coimbra, Dezembro de 2012





# tur'ntogreen

REVITALIZAÇÃO E RECONVERSÃO DE ÁREAS INDUSTRIAIS OBSOLETAS





## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Professor João Paulo Cardielos, pela disponibilidade e aconselhamento durante a realização deste trabalho.

Aos meus pais, que me apoiam desde o primeiro dia e me deixam ser sempre mais e melhor. Aos meus irmãos. À minha família.

Ao Nuno.

Aos meus amigos e companheiros do curso, Cristina, Sílvia, Madeira, Pedro, Vítor, Teresa, Pina, por todo o percurso. Pelo convívio às quintas-feiras, pelas directas, pelas palermices, pela amizade, pelo mau feitio, pelas gargalhadas... Sem vocês Coimbra não era a mesma! Aos meus amigos da terrinha, pela compreensão e pelo incentivo.

Obrigado a todos os que me fizeram crescer.

Obrigado Coimbra.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. 0

HERANÇA INDUSTRIAL 1

PRESERVAÇÃO e MEMÓRIA. 2

OLD SPACES, NEW IDEAS. 3

CONSIDERAÇÕES FINAIS. 4



*“To stem a long period of decline and decay, pessimism and under-investment, we must bring about a change in urban attitudes so that towns and cities once again become attractive places in which to live, work and socialize.”* (Urban TaskForce, 1999, p. 7)



A reconversão de antigas estruturas que se encontram obsoletas ou em ruína é, actualmente, e será cada vez mais, uma problemática pertinente. Considerando a situação contemporânea do mundo industrializado, onde se assiste cada vez mais ao declínio e falência de vários modos de produção industrial, muitas vezes coincidentes com a debilitação da economia e da política, mostra-se importante ensinar à sociedade maioritariamente consumista, em tempos de crescente escassez financeira, que importa reutilizar o que já existe. Nos dias de hoje mais de metade da população mundial vive nas cidades ou em zonas urbanas e, nas próximas décadas, esse número poderá crescer para cerca de dois terços<sup>1</sup>; é preciso aprender a considerar a cidade que envelhece como um recurso a acarinhar, como algo em extinção, e não como um jogo de *legos* que se monta e desmonta quando não queremos brincar mais.

No panorama português actual, e face à crise que o país está a atravessar, é incontornável que se pensem maneiras de reaproveitar o vasto património construído pré-existente (de um modo geral, e industrial em particular), conservando ao mesmo tempo a materialidade e a memória histórica que lhe deu origem. Para estes espaços serem reabilitados torna-se necessário percebê-los, com os seus aspectos positivos e negativos, de forma a evoluírem e responderem aos propósitos de uma evolução presente. Apesar de, com a criação da Expo'98, Portugal se ter *colocado no mapa* no que toca á regeneração urbana territorial, ainda demonstra ser um país com pouca experiência a este nível; as revitalizações e reconversões que se têm realizado são mais frequentemente direccionadas a um objecto específico, não tratando o território no seu conjunto.

---

<sup>1</sup> MORENO, Júlio – O Futuro das Cidades. p. 11.





Esta dissertação tem como objectivo apresentar e perceber algumas formas de intervir no património industrial, mais particularmente as reconversões que promovem novos espaços verdes, confrontando e reagindo aos problemas produzidos pelos vazios e ruínas urbanas, frutos da desindustrialização a que temos vindo a assistir com início evidente a partir das décadas de 70 e 80 do século XX. Num desejo de responder positivamente a este acontecimento crescente, nas últimas décadas, sempre que possível, as sociedades têm vindo a procurar soluções para valorizar estas arqueologias industriais. Fazem-no com a ambição de melhorar as condições de vida nas cidades, quer seja pela substituição de alguns elementos originais, que pela reutilização do espaço para outros fins.

De que forma podem então estas estruturas industriais ser transformadas? Que paisagens urbanas permitem construir, a fim de corresponder aos novos modos de vida da sociedade contemporânea? A sua transformação em espaços verdes responde às necessidades das cidades onde se inserem? Através da análise de casos específicos – o *IBA Emscher Park*, o *High Line* e o *Paddington Reservoir Gardens* –, tentamos compreender algumas soluções experimentadas no âmbito paisagístico/urbano, na última década, a fim de concluir se a reconversão destes espaços em novas áreas verdes urbanas poderá constituir uma solução para responder proveitosa e criativamente à obsolescência e/ou ruína das estruturas industriais, tanto a nível internacional como (e principalmente) a nível nacional. A pertinência deste trabalho prende-se com a análise e o reconhecimento da importância das intervenções feitas em antigas estruturas industriais, convertidas para parques públicos verdes, que actualmente representam pontos de desenvolvimento importantes em áreas específicas. As soluções apresentadas pretendem despertar a consciência para um problema crescente no meio urbano, em vários países incluindo o nosso, e assim mostrar que é possível devolver aos habitantes uma parte relevante da cidade, enriquecida com as memórias industriais que aí se cristalizaram.



É importante reflectir sobre o que despoletou a necessidade de metamorfose da área devoluta, os processos pelos quais passaram até ao que são hoje, as características (positivas ou negativas) que inseriram no território, e qual o futuro que estes parques nos reservam ou permitem aspirar. Esta análise será realizada tendo em vista uma possível aplicação ao nosso país, uma vez que não existe aqui uma conjugação directa entre a obsolescência e as áreas verdes urbanas.

A metodologia para a realização deste trabalho apoia-se em bibliografia especializada de história da indústria, de desenvolvimento do território e da arquitectura, bem como na análise de obras que tratam reconversões ou reutilizações de edifícios industriais. Uma vez que apenas foi possível a visita ao caso de estudo nova-iorquino, o parque urbano *High Line*, tornou-se imprescindível proceder à recolha de informações detalhadas dos demais projectos e dos testemunhos dos autores, ou de moradores da zona, sempre que possível. Do conjunto destas leituras resultaram três capítulos: Herança Industrial, Preservação e Memória e *Old Spaces New Ideas*. No primeiro – Herança Industrial – é descrito, de uma forma sintetizada o aparecimento da indústria, e as principais mudanças que as sociedades e os territórios sofreram com este acontecimento. O segundo capítulo – Preservação e Memória – aborda as consequências do aparecimento e, mais tarde, a obsolescência dos produtos construídos do processo industrial, e expõe os procedimentos actuais de valorização do património, face às estruturas abandonadas. É, igualmente, explicada a importância da preservação deste património arqueológico, dando especial destaque à memória. No último capítulo – *Old Spaces, New Ideas* – são analisados três exemplos, que retratam antigas estruturas industriais, obsoletas ou em ruína, que através de um processo de reconversão e revitalização foram transformadas em parques verdes urbanos.

Ao estudar estes casos específicos procurou-se compreender se o resultado produzido, se essas reconversões de zonas industriais urbanas em novos espaços verdes, respondia a novas e reais necessidades das cidades onde se inserem,



e de que maneira o factor localização deve, ou pode, ser determinante para o despoletar de acções futuras, de novas expansões ou realizações, ou se será um factor simplesmente irrelevante.



Paisagem Industrial. Chemnitz, Alemanha.

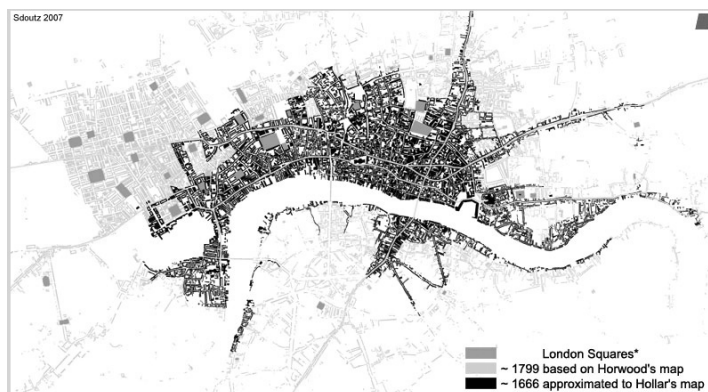
## CAPÍTULO I . HERANÇA INDUSTRIAL.

*“Starting with the first factories, facilities for manufacturing and distributing goods [that] produced indelible marks on the physical layout and sociology of cities, and indeed countries. Although the whys and wherefores of the Industrial Revolution are complex (...), the changes wrought by this historical event shaped the built environment, influencing how and where cities developed.”*<sup>2</sup>

O período da história correspondente à primeira Revolução Industrial teve origem na Grã-Bretanha no último quartel do século XVIII; estendeu-se posteriormente ao resto da Europa e só depois aos outros continentes. Reunindo homens e máquinas num mesmo espaço e com um mesmo ritmo de trabalho, com o propósito de criar mais e melhor através da produção em massa, as indústrias que surgiram ou que se aperfeiçoaram provocaram uma nova era do processo de

---

<sup>2</sup> BERENS, Carol – Redeveloping Industrial Sites: A Guide for Architects, Planners, and Developers. p. 3.



Mapa da evolução do tecido urbano londrino.  
 Troço do High Line, em Nova Iorque, na Gansevoort Street.  
 Zeche-Concordia, Oberhausen, Alemanha. 1967.



fabrico, trazendo consigo irreversíveis consequências para a sociedade e para o território.

Devido à necessidade de mão-de-obra para o processo criativo, observou-se uma massiva deslocação da população rural para as zonas urbanas e um consequente crescimento demográfico nas cidades. Este crescimento gerou grandes concentrações populacionais, que resultaram muitas vezes em construções irrestritas e não planeadas, proporcionando aos operários deficientes condições de vida e de trabalho. A falta de planeamento conduziu também a uma comum carência de espaços verdes comuns na paisagem das cidades.

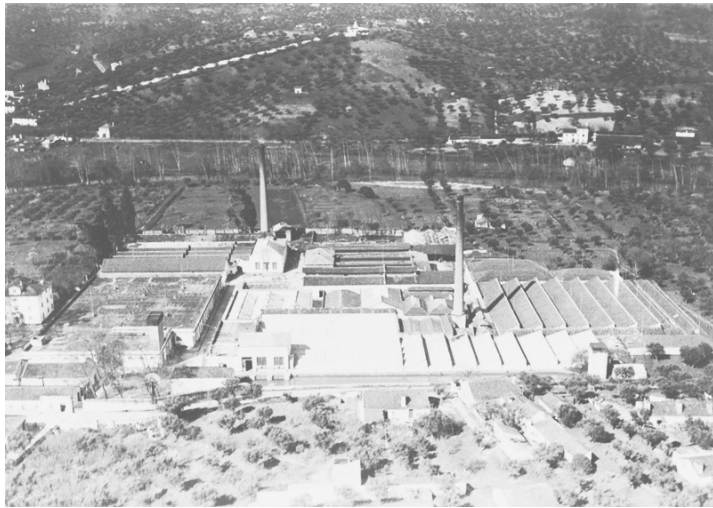
O desenvolvimento de novas tecnologias, como a máquina a vapor, o tear mecânico e, mais tarde, o advento da electricidade, exponenciou o crescimento urbano e socioeconómico, e potenciou “*uma das mais drásticas transformações da paisagem na História.*”<sup>3</sup> A invenção de mecanismos de comunicação que encurtavam distâncias entre as pessoas e os diferentes espaços físicos ajudou à propagação das unidades fabris não só no meio citadino, principalmente junto aos portos e estações de caminho-de-ferro, mas também em zonas mais rurais. “*A malha urbana Oitocentista, não planificada, crescerá assim dependente de factores de natureza funcional e de circulação, criando na cidade uma fenomenologia de espaços de trabalho e de habitação particular, moldando-se à natureza do território e das sinergias, entretanto geradas.*”<sup>4</sup>

Podemos sucintamente concluir que foi durante este período que as bases da arquitectura industrial foram concebidas, tanto como edifício na sua individualidade mas também como entidade geradora de cidade. Foi também a

---

<sup>3</sup> SERRANO, Ana Catarina Bispo – Reversão de Espaços Industriais: três projectos de intervenção em Portugal. p. 30.

<sup>4</sup> FOLGADO, Deolinda – O Lugar da Indústria no Território *apud* BRANA, Celestino Garcia; Landrove, Susana; Tostões, Ana – A Arquitectura da Indústria, 1925-1965. p. 83.



Companhia da Real Fábrica de Fiação de Tomar, Vale do Ave.  
Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, localizada junto ao rio Ave. 2010.

partir deste período que se sentiu uma necessidade de explorar o potencial da indústria, perante a ausência de uma linguagem arquitectónica de referência.

Nos dias de hoje podemos perceber o impacto que a chegada e implantação da indústria criaram, através das suas remanescências - concentrações populacionais urbanas, os padrões de redes de transporte e as ruínas evocativas de edifícios fabris e armazéns.<sup>5</sup>

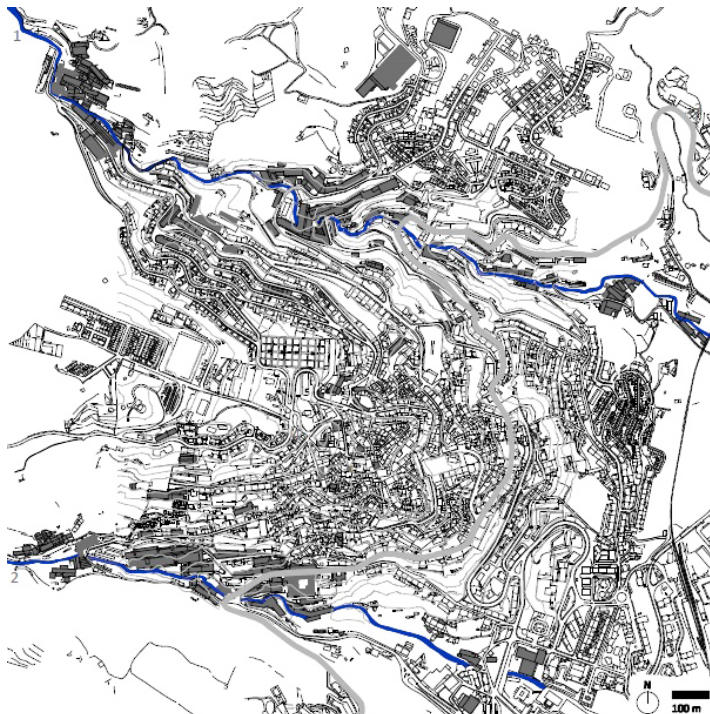
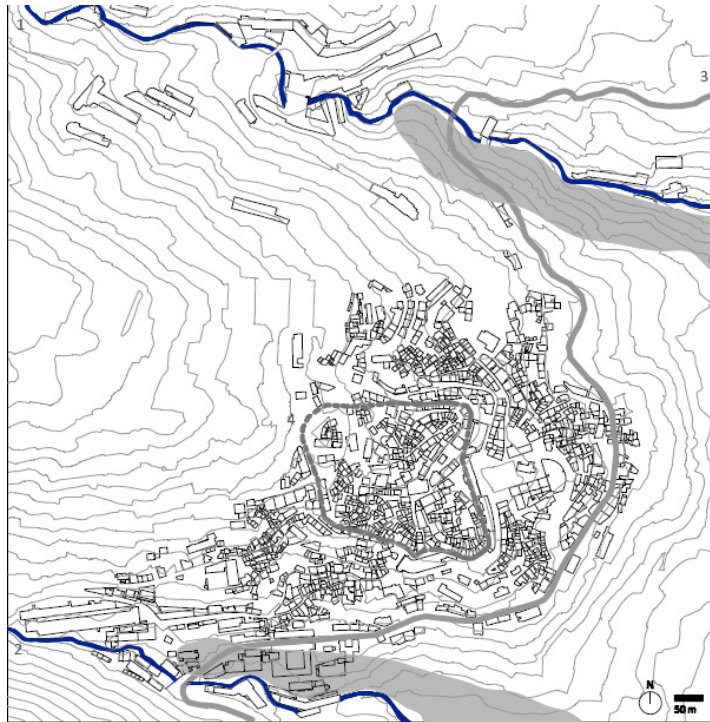
.Origens e Decadência do Legado Construído pelas Etapas Iniciais da  
Revolução Industrial.

Para responder às necessidades básicas de uma sociedade cada vez mais numerosa e complexa, introduziram-se alterações profundas no território e nos modos de vida da sociedade. Alguns factores como a organização social urbana, o modo de viver ou habitar, de trabalhar e de fazer arquitectura e cidade, sofreram mudanças radicais relativamente à experiência anterior. A engenharia e a arquitectura industrial permitiram o aparecimento de uma variedade de estruturas empresariais evidentes, tanto em termos de organização planimétrica, como de ocupação espacial e volumétrica, de geografias de localização e de urbanização.

A dependência territorial fez com que, numa primeira etapa, os órgãos do processo produtivo tenham começado por se instalar onde encontraram recursos – na topografia dos vales –, onde o rendimento agrário era pouco mas a mão-de-obra rural, a complementaridade energética e os fluxos de água eram disponíveis e abundantes.

---

<sup>5</sup> BERENS, Carol – *Redeveloping Industrial Sites: A Guide for Architects, Planners, and Developers*. p. 3.



Covilhã: Antecedentes castrejos e ocupação romana do vale.  
Planta de ocupação fabril nas ribeiras da Gôlda e da Carpinteira e do centro histórico.

Durante muito tempo, a inserção das unidades fabris nas cidades esteve isenta de preocupações, relacionadas com factores como o desenho urbano ou a percepção global da urbe, que ajudassem a delimitar as diferentes áreas funcionais dentro dos espaços económico, político, cultural e social. À medida que o tempo passa, as concessões de água vão-se aproximando da cidade arrastando consigo as edificações industriais e a mão-de-obra.<sup>6</sup> Com o aparecimento da máquina a vapor, a dependência das fábricas pela proximidade dos cursos de água diminui drasticamente, permitindo a inserção das unidades produtivas nos centros urbanos. Segundo Vicente Vidal, este factor vai trazer uma grande transformação à urbe, tornando o *ensanche*<sup>7</sup> no modelo urbanístico do século XIX que mais vai alterar a morfologia da cidade. Vai ampliar e transformar esta última, regulando o seu crescimento “*através de quarteirões que confinam o tamanho da indústria e conferem a neutralidade necessária para poder coexistir com a habitação.*”<sup>8</sup>

A malha começa a crescer de acordo com o carácter funcional do espaço da cidade, moldada pela volumetria das edificações e pelas vias de circulação. O surgimento de lugares de trabalho e de habitação particular segue a natureza dos territórios e das sinergias entretanto criadas. A cidade industrial torna-se numa cidade segregada, *arrumada*<sup>9</sup>.

Os grupos sociais e as actividades económicas têm cada um o seu próprio espaço e, ainda assim, tecem entre si relações de interdependência. Desta forma, o centro, zona poderosa, diversificada e rica, opõe-se às periferias monótonas e mal

---

<sup>6</sup> VIDAL, Vicente Manuel Vidal – Indústria: cidade e território; a geografia da indústria *apud* BRANA, Celestino Garcia; Landrove, Susana; Tostões, Ana – A Arquitectura da Indústria, 1925-1965. p. 74.

<sup>7</sup> Palavra de origem espanhola que, quando usada no âmbito do urbanismo, se refere a um terreno urbano dedicado a novas construções fora de uma localização e é normalmente planificado. Apresenta normalmente uma malha ortogonal e quadriculada.

<sup>8</sup> VIDAL, Vicente Manuel Vidal – Indústria: cidade e território; a geografia da indústria *apud* BRANA, Celestino Garcia; Landrove, Susana; Tostões, Ana – A Arquitectura da Indústria, 1925-1965. p. 74.

<sup>9</sup> Com a chegada da indústria e a consequente mudança na organização espacial urbana, a cidade divide-se basicamente em duas partes: a de produção e a de consumo.





La Cité Industrielle, Tony Garnier, 1904.

equipadas. Apesar de estabelecer profundas relações com o espaço rural e ter com ele uma relação de simbiose interdependente, a cidade é o contrário desse espaço.

Mais para a frente, no segundo pós guerra, e mais nitidamente nos anos 70, *“acompanhando o progresso tecnológico dos transportes e comunicações e o reforço dos processos de internacionalização”*<sup>10</sup>, a organização da cidade vai começar a sofrer uma mudança. A urbe torna-se mais fragmentada devido ao aumento da mobilidade, à crise económica e posterior reestruturação da cidade, e a uma estrutura social cada vez mais dividida.

De acordo com Álvaro Domingues, em Portugal, como noutros países, a industrialização também produziu *“novas formas de ocupação e de vivência do território”*, tanto em áreas urbanas existentes, como em regiões, onde as marcas deixadas por essa transformação são mais extensas e dispersas.<sup>11</sup> Um dos exemplos reflexos deste último acontecimento é a zona do Vale do Ave que, desde meados do século XIX, viu a indústria a crescer no território. Assim, tornou-se numa das regiões mais industrializadas do país devido à utilização da força motriz da água e do trabalho dos operários. Como nos conta Susana Faro, *“(…) todo o território está hoje pontilhado por uma miríade de vestígios que atesta de forma privilegiada todo esse processo histórico, constituindo-se em marcas insubstituíveis da memória colectiva das comunidades locais, mas também em elementos fortemente caracterizadores e identificativos para quem vem de fora.”*<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> SALGUEIRO, Teresa Barata – Cidade Pós-Moderna: Espaço Fragmentado. p.40. [em linha]

<sup>11</sup> DOMINGUES, Álvaro – Património Industrial e Requalificação Urbana. *apud* SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.), Reversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. p. 121.

<sup>12</sup> FARO, Susana – Projecto: Rota do Património Industrial do Vale do Ave – Adrave *apud* SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.), Reversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. p. 124.



Fábrica AEG, Peter Behrens, 1909.  
Antiga Fábrica dos Leões, hoje Complexo de Arquitectura e Arte Visuais da Universidade de Évora.



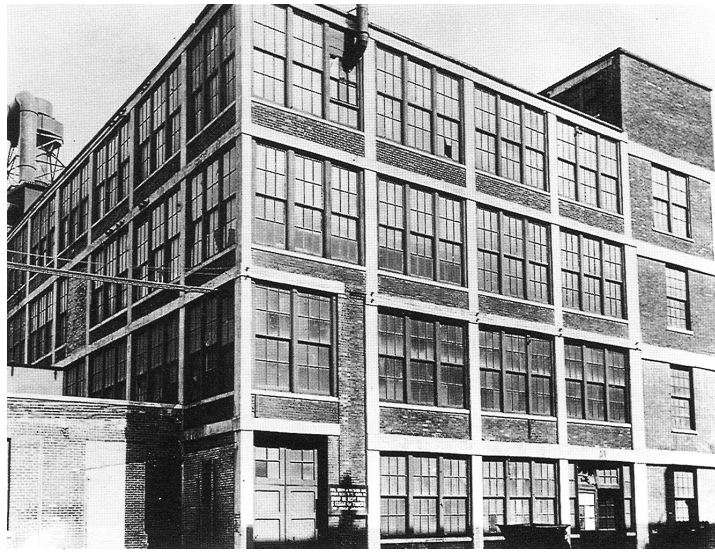
A arquitectura dos novos edifícios destinados às actividades industriais é uma das características que se encontra presente na formação da paisagem industrial. Segundo Deolinda Folgado, o território industrial reúne “*um universo tão vasto de formas quanto as diversas soluções de implantação no espaço, geralmente indissociáveis dos factores endógenos da época que o produziu.*”<sup>13</sup>

A linguagem arquitectónica do edifício industrial, associada ao aparecimento da máquina a vapor, desenvolveu-se constantemente numa gradual especialização e planificação das suas funções, respondendo sempre a condicionantes determinadas pelas necessidades de uma produção específica. Os novos edifícios ligados às actividades industriais introduziram uma linguagem diferente, oferecendo-lhes um grande destaque em relação àquilo que poderíamos considerar a estética até então dominante. Esta novidade veio contribuir para uma individualização cada vez maior deste tipo de edifícios na paisagem em que se inseriram, situação que até esta fase não se observava. Este facto, que inicialmente foi visto como uma espécie de agressão à paisagem, acabou por mais tarde despertar as pessoas para a aceitação do conceito de “monumento industrial”, com o mesmo respeito com que se olha para edifícios que marcaram outras épocas da história.

O principal problema que se colocava era o de criar um espaço adequado à instalação das novas máquinas que tinham acabado de surgir e dispô-las de forma satisfatória relativamente à fonte de energia que fazia a fábrica produzir. O objectivo dos edifícios de produção era então o de encontrar uma forma arquitectónica que respondesse às funções para as quais cada um servia. Desta forma, o tipo de fábrica mais difundido desde o início da industrialização até às primeiras décadas do século XIX era de forma rectangular e com vários andares, uma vez que era um modelo que respondia aos problemas que então se sentiam. O

---

<sup>13</sup> FOLGADO, Deolinda – O Lugar da Indústria no Território *apud* BRANA, Celestino Garcia; Landrove, Susana; Tostões, Ana – A Arquitectura da Indústria, 1925-1965. p. 80.

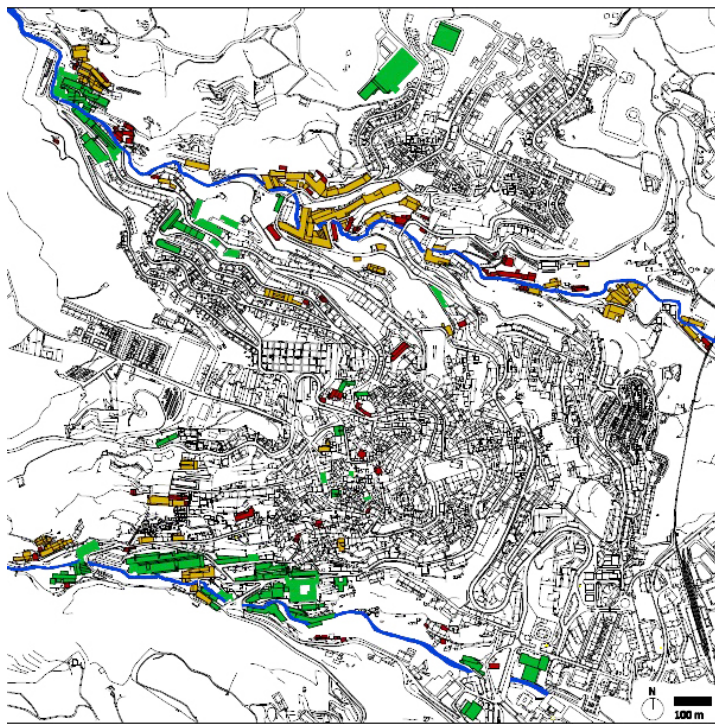
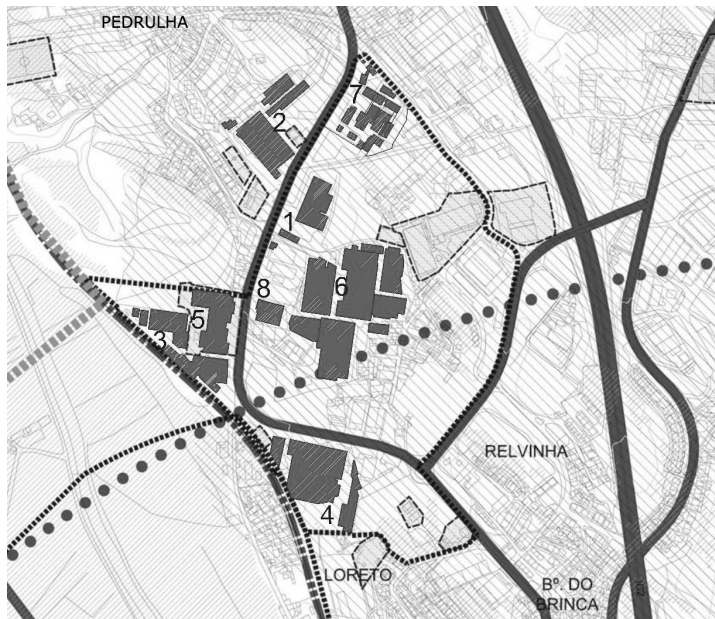


*Packard Building No. 10, Albert Kahn. 1905.  
Companhia da União Fabril (CUF), Barreiro.*

espaço essencial em vários andares era obtido de uma forma mais económica do que num piso só e, uma vez que era construído em altura, necessitava de um terreno menor e de menos materiais, sobretudo nas estruturas que suportavam os telhados.

Neste contexto, paralelamente ao desenvolvimento da arquitectura industrial surge a utilização do ferro como um material de construção, o que teve um impacto mais directo no interior dos edifícios. Devido ao facto de poder assumir diversas formas foi possível obter espaços amplos e iluminação regular e uniforme ao longo das fachadas, de forma a ter uma maior incidência de luz natural no espaço operacional, que era uma das principais preocupações no desenho dos edifícios, antes de aparecer a electricidade. No final do século XIX aconteceu um notório desenvolvimento da arquitectura industrial devido à utilização do betão, que trouxe consigo uma grande versatilidade para os espaços, oferecendo soluções inovadoras para as emergentes exigências da indústria. Para além de apresentar um custo menor, viabilizava a adaptação a qualquer tipo de forma e era fácil de manusear, permitindo mais liberdade na concepção arquitectónica e estrutural. Posteriormente assiste-se ao aparecimento de grandes parques industriais nas periferias das cidades, auxiliados pelo recente desenvolvimento da indústria química. Um dos exemplos mais significativos da expansão industrial em Portugal é a *Companhia de União Fabril* (CUF), instalada no Barreiro desde 1907. Especializada no sector químico, esta firma modelou e produziu um território que nos anos cinquenta chegou a ter cerca de 127 fábricas. De acordo com Folgado [2005], o seu sucesso deveu-se principalmente à utilização da sinergia proveniente do rio Tejo e do transporte de matérias-primas, possibilitado pela linha de caminhos-de-ferro do sul.

De acordo com Vítor Ferreira, a partir do século XIX, a malha urbana que se encontrava em constante expansão, era heterogénea e desequilibrada física, funcional e socialmente. Este factor mantinha a cidade pré-industrial sob constante



- Fábricas rehabilitadas
- Fábricas abandonadas/fechadas
- Fábricas em ruínas

Áreas Industriais Abandonadas na zona da Pedrulha, Coimbra.  
Covilhã: planta de ocupação fabril actual. (2010)



ameaça, pois as edificações cresciam de uma forma não planeada, contrastando com o tecido já existente. O crescimento urbano que se fez sentir ao longo dos últimos dois séculos, principalmente durante o século XIX, trouxe consigo uma grande negligência e destruição de edificações, com excepção de alguns edifícios mais importantes. A eliminação do que era considerado antigo, que era inimigo do progresso, achava-se mais importante do que a edificação do novo. Desta forma os testemunhos históricos do passado ficavam isolados e, por isso, desprovidos de uma identidade significativa.<sup>14</sup>

Com o contínuo aumento de novas instalações fabris, bem como o consequente crescimento da população na urbe, surgiram novas exigências que foi preciso satisfazer (como o abastecimento domiciliário de água, saneamento e limpeza urbana, iluminação, transportes urbanos, instalações de água e electricidade, etc). A concretização destas inovações veio configurar a cidade como a conhecemos actualmente, e foi executada de diferentes modos ao longo dos dois últimos séculos, de acordo com as necessidades que foram aparecendo e das respostas que surgiram para as satisfazer.

O final do século XX trouxe consigo uma quebra no sector industrial e com ela a obsolescência acelerada de várias paisagens industriais. O nível de desenvolvimento tecnológico que cada sociedade apresentava em determinado momento, levou ao sucessivo abandono das soluções que se iam tornando ultrapassadas, tendo em conta que as exigências tinham aumentado e as novas tecnologias ofereciam soluções mais eficazes. Devida à sua rápida e contínua evolução, o número de construções obsoletas aumentou de uma forma dramática. Uma vez terminada a sua função original, na maior parte dos casos as entidades responsáveis pela sua gestão e conservação deixaram de se interessar pela sua

---

<sup>14</sup> FERREIRA, Vitor Matias – Património Urbano - A memória da cidade. *apud* COUCEIRO, João, (coord.) – Urbanidade e Património. p. 56.



Antiga Fábrica da Ideal, baixa de Coimbra.  
Antiga Fábrica da Triunfo, zona do Loreto, Coimbra.

preservação, pelo que passaram a estar constantemente ameaçadas por projectos imobiliários, e a sua destruição acabou por se vulgarizar, mais tarde ou mais cedo.

Temos muitos exemplos desta situação em Portugal, alguns deles muito perto de nós, na cidade de Coimbra. Por exemplo, ao longo da linha férrea do Norte, muitos são os edifícios obsoletos ou em ruína, abandonados outrora pelos seus responsáveis. Estes corpos, não são demolidos, pois a população criou com eles uma ligação, uma identidade; mas também não estão a ser reaproveitados para revitalizar as áreas urbanas adjacentes, originando desta forma territórios descaracterizados e improfícuos.

A transformação de vilas e cidades ao longo do tempo é inevitável e, ao mesmo tempo, deve ser vista como benéfica. Embora alguns o possam negar, é a própria existência das forças políticas, económicas e sociais, que apresentam oportunidades novas para o progresso económico e cívico, que auxilia também na criação de oportunidades para ajustar e melhorar as condições das áreas urbanas. Neste contexto, este trabalho pretende também dar a conhecer possíveis soluções para a requalificação urbana das zonas nacionais industriais degradadas.

É importante aludir ao facto de, actualmente, as indústrias se localizarem, na sua maioria, em zonas periféricas das cidades, onde os custos dos terrenos não são tão elevados, e onde o acesso às vias de comunicação e transportes é mais fácil e mais rápido. Devido ao facto de se encontrarem numa área alargada, ao invés de se localizarem num centro urbano e conseqüentemente terem as suas dimensões limitadas, as unidades fabris actuais apresentam dimensões maiores. Desta forma, nos centros das cidades, restaram as remanescências de um período passado, que têm potencialidades para se tornar presente.





## CAPÍTULO II . PRESERVAÇÃO e MEMÓRIA.

*“Suppose the title of my talk today were not ‘Preserving industrial monuments’, but ‘Preserving religious monuments’. Should we be thinking differently? Is the word ‘industrial’ conditioning our thinking, or are we really worried about the fate of all monuments, whatever their original use may have been? Why should we preserve anything at all? Why not pull down or throw away everything as soon as it is out-of-date?”<sup>15</sup>*

Tal como foi abordado anteriormente neste trabalho, a industrialização trouxe consigo mudanças significativas às paisagens contemporâneas, envolvendo maiores densidades populacionais em áreas urbanas e levando à urbanização do ambiente natural. As mudanças que os produtos do processo produtivo, bem como outros equipamentos urbanos, sofreram ao longo do tempo derivaram de uma variação constante dos requisitos sociais. Face a uma nova disposição industrial,

---

<sup>15</sup> HUDSON, Kenneth – Preserving Industrial Monuments: What is Possible and What is Not *apud* I Encontro Nacional sobre o Patrimônio Industrial. p. 37



Antiga Fábrica de Cerâmica, presente junto à linha férrea do Norte, Pampilhosa.  
Ruínas das Minas de S. Domingos, Mértola

definida pela concentração de indústrias, nasceu a necessidade de usufruir de novos serviços públicos e infraestruturas, que contribuíram para estabelecer a imagem típica do século XX.

Concordando com Luis Loures, os metamorfismos das últimas décadas – desindustrialização, recolocações industriais e (re)conversões económicas – tiveram um efeito marcante nas áreas industriais tradicionais em todo o mundo e produziram um grande número e grande variedade de instalações industriais obsoletas, bem como os impactos ambientais provenientes destas últimas.<sup>16</sup> O abandono destas instalações é um dos resultados da dificuldade que o espaço urbano enfrenta face à adaptação às constantes mudanças. Estes acontecimentos deixam “*progressivamente abandonadas e à mercê de compreensíveis interesses imobiliários extensas áreas da cidade por vezes em pleno centro ou em áreas de grande apetência construtiva ou comercial.*”<sup>17</sup> Por outro lado, se na época da origem das instalações estas mudanças foram a razão da aniquilação de algumas, hoje em dia, o seu desmantelamento poderá também trazer efeitos negativos económicos e sociais, bem como alterações ao nível físico da cidade e outros territórios.

Frequentemente os equipamentos industriais ficam deteriorados significativamente e a sua recuperação torna-se difícil de realizar. Nestes casos, a estrutura desocupada que foi abandonada pode subsistir obsoleta por um grande e indeterminado período de tempo. As áreas abandonadas, fruto da uma transferência de usos e de inadequação funcional, se não tiverem em mira uma operação a curto prazo, ficam sujeitas à acção dos fenómenos naturais e da apropriação humana. Na maior parte das vezes esta apropriação é feita de forma errada, não transportando consigo uma melhoria das condições de vida urbana.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> LOURES, Luís – (Re)-Developing Post-Industrial Landscapes: Applying Inverted Translational Research coupled with the Case Study Research Method. [em linha]

<sup>17</sup> PINTO, Marcelo Mendes– Abertura apud SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.), Reconversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. p. 124.

<sup>18</sup> BALTAZAR, Rui Vitor – Máquinas Urbanas. p. 83.



Fábrica Naval, Ribeira das Naus, Lisboa.

*“De tudo isso, permanecem hoje testemunhos, ora perfeitamente legíveis e integrados na identidade das paisagens, ora momentos descontextualizados, factos isolados, ruínas.”*<sup>19</sup>

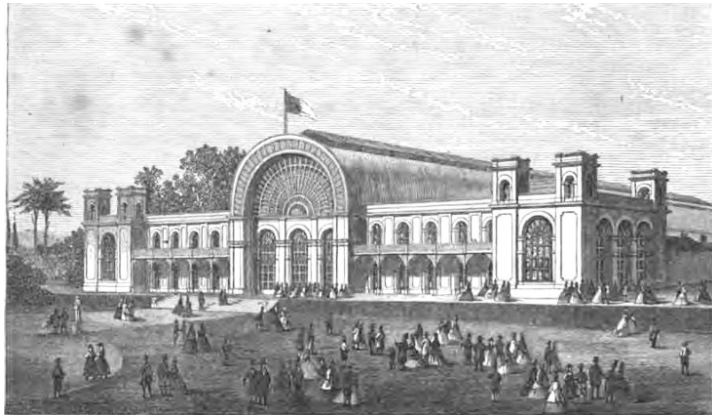
Como herança, a geração actual está a ser forçada a decidir sobre a organização do ambiente industrial criado pelas gerações passadas. O mundo industrializado está a passar por uma fase de reestruturação da economia global e da deslocação de indústrias para áreas de custos de produção mais baixos, resultando na proliferação de espaços vazios e sem função. Recentemente, segundo Loures, várias pesquisas contribuíram para uma avaliação, documentação e desenvolvimento das remanescências da sociedade industrial, de forma a alertar para a necessidade de ter em consideração as paisagens pós-industriais no planeamento do espaço urbano, considerando a herança industrial como um recurso e como parte integral de uma identidade colectiva.

#### Preservação Física dos Valores Arqueológicos. Como e Porquê?

O estudo e preservação de antigas paisagens industriais têm vindo a tornar-se, principalmente nas últimas décadas, numa temática cada vez mais presente no quotidiano de investigadores e arquitectos. No entanto, é preciso preservar simultaneamente o equilíbrio ambiental, a identidade local e a qualidade de vida dos habitantes, ou garantir outros factores como a possibilidade de desfrutar do recreio e do turismo, que são condições importantes para a sustentação das economias locais e regionais. Não podemos ignorar que o património industrial é consequência das intervenções humanas que marcaram os diferentes períodos da história industrial, possuindo, por isso, um valor que não

---

<sup>19</sup> DOMINGUES, Álvaro – Património Industrial e Requalificação Urbana. *apud* SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.), Reversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. p. 124.



Palácio de Cristal, Porto. 1864.  
Mercado Central de Paris, *Les Halles*, 1854-57.

pode nem deve ser desmemoriado. A preservação, que se oferece como testemunho de um dos processos mais importantes na História de modo a que os futuros habitantes possam aperceber-se de como se realizou esta surpreendente transformação, representa não só o interesse ligado à protecção de uma parcela relevante do passado histórico, como pode desempenhar um papel essencial na regeneração económica de cidades e regiões enfraquecidas ou em declínio, de que são exemplo alguns dos casos identificados mais adiante neste trabalho.

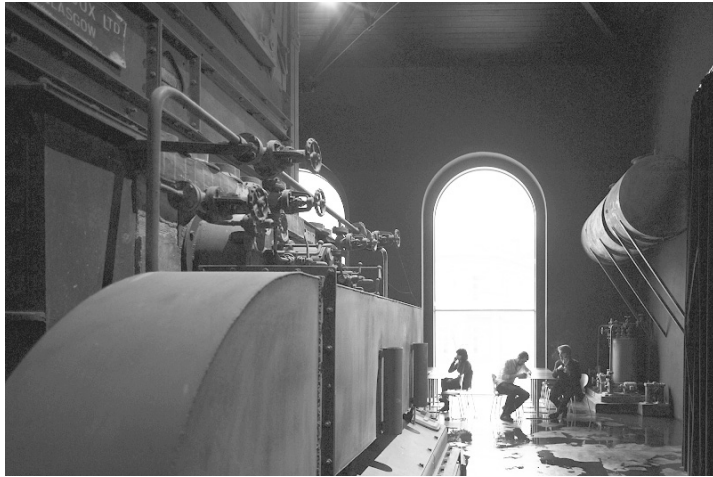
A preocupação com a herança industrial já se verifica, pelo menos, desde o século XIX. No entanto, o aparecimento e estudo dos conceitos de património, e de arqueologia industrial, tornaram-se realidades efectivas desde a segunda metade do século XX, mais particularmente, da década de 1960, após a Segunda Guerra Mundial. Na década de 70, é notório o desenvolvimento destes conceitos também em Portugal.<sup>20</sup> Esta época foi marcada pela destruição de inúmeros edifícios significativos, como a Bolsa de Carvão e a Estação Euston em Londres, o Palácio de Cristal, no Porto, ou o Mercado Central de Paris (*Les Halles*), nos anos 70. O que restou dos últimos dois séculos de industrialização domina agora as nossas paisagens e influencia a nossa realidade cultural, económica, social e urbana.

Com a criação de uma nova disciplina que apelava ao estudo e à preservação dos vestígios do passado industrial – a *arqueologia industrial* –, começou a haver uma maior preocupação relativamente a este tipo de instalações. Hoje podemos dizer que o objecto de estudo da arqueologia industrial é de natureza material e imaterial. De uma forma geral, o património industrial

---

<sup>20</sup> MATOS, Ana Cardoso de; Ribeiro, Isabel Maria; Santos, Maria Luísa – Intervir no Património Industrial: das experiências realizadas às novas perspectivas de valorização. *apud* SAMPAIO, Maria da Luz – Actas do Colóquio de Museologia Industrial: Reversão de Musealização de Espaços Industriais. p. 25.





Interior da Casa das Caldeiras, Coimbra. 2008.  
Solar do Parque de Bercy e instalações vinícolas anteriores. Bercy, Paris.



compreende não só os elementos materiais da sua intervenção, mas também a relação das paisagens com as sociedades.

Como podemos ler na Carta de Nizhny Tagil, de 2003, “o *património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de tratamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.*”<sup>21</sup>

Uma vez que é o espaço da fábrica que permite, numa primeira fase, uma resposta mais directa a uma necessidade produtora, é esse o espaço mais importante quando se fala em imóveis industriais. No entanto, o espaço industrial só está devidamente garantido “*quando está patente um processo de autonomização e sistematização dos seus dois elementos principais: a actividade produtora e o espaço físico onde esta se realiza.*”<sup>22</sup> Podemos assim, neste contexto, entender que a actividade industrial está ligada à existência tanto de edifícios de produção, normalmente fábricas, como de estruturas usadas no transporte e armazenamento de mercadorias e matérias, e produção de energia, como armazéns, estações ferroviárias, linhas férreas ou portos e canais, e de toda a materialidade inserida no território que coopera de alguma forma para o processo produtivo ou para a distribuição ou circulação dessa produção. O processo produtivo é uma entidade fabricada também por máquinas, tubagens, trilhos, ou até trabalhadores, formando um sistema definido.<sup>23</sup> Nesta lógica, a criação de habitação para os operários fez também parte do processo produtivo e tornou o crescimento das cidades mais

---

<sup>21</sup> Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial [em linha] p. 3.

<sup>22</sup> SILVA, Vasco Pinto da – Revolução (Des)Industrial: Museificar, Reutilizar e Converter. p. 9.

<sup>23</sup> CARVALHO, Pedro Filipe Martins – Espaço industrial. p. 00.



Coliseu de Roma, construído no período Romano.

rápido, desde os subúrbios até ao centro, formando uma ligação entre a cidade industrial e a cidade antiga, que a cidade consolidada actual tão bem configura nas suas inúmeras e diversas formas de expressão.

Estes frutos do processo industrial podem ser apreendidos de dois modos diferentes: como testemunhos do ambiente passado, da forma de trabalhar e viver, ou como um recurso, que nos ensina sobre essas formas de trabalhar e viver.

Segundo um dos pioneiros da arqueologia industrial, Kenneth Hudson, “*é conveniente e barato pretender que um registo adequado do passado pode ser mantido através de filmes, livros, imagens, plantas, desenhos ou fotografias, que a documentação histórica é uma questão de estantes, arquivos e computadores. Se isto fosse verdade, poderíamos demolir amanhã o Coliseu de Roma e o Palácio de Versalhes e dar aos seus terrenos uma reutilização rentável do ponto de vista comercial. (...) Mas nós sabemos que tal não é verdade, que uma fotografia ou um modelo do Coliseu não equivalem de forma alguma à oportunidade de entrar e de andar dentro dele, admirando as suas dimensões e as suas técnicas de construção e imaginando a brutalidade e os gritos dos espectáculos de massas que um dia ali tiveram lugar. (...)*”<sup>24</sup>

Há vários motivos que nos levam a desvalorizar os espaços e edifícios industriais como património que é importante preservar. Alguns desses motivos estão relacionados com a natureza destas edificações; o facto de a sua função ser estritamente utilitária, a sua estética característica, que é pouco valorizada, as suas grandes dimensões ou o estado de abandono ou de ruína, em que muitas vezes se encontram. São também estruturas relativamente recentes, o que leva a um desinteresse por parte das pessoas, uma vez que não há o distanciamento temporal que existe relativamente a outros elementos considerados património, como por

---

<sup>24</sup> HUDSON, Kenneth – Preserving Industrial Monuments: what is possible and what is not *in* I Encontro Nacional sobre o Património industrial – “Actas e Comunicações”. p.40-41.



exemplo as grandes catedrais medievais ou o Coliseu de Roma, referido por Hudson. A sua criação esteve mais afastada dos domínios quotidianos e domésticos da arquitectura, detendo assim um carácter específico, que os distancia de outros espaços. A preservação dos testemunhos industriais do passado fica assim negligenciada, pois para a sociedade não detêm a mesma importância associada a outros programas. Mas, segundo Hudson, os monumentos industriais estão em pé de igualdade com castelos, palácios, mosteiros ou catedrais e, como tal, merecem o mesmo reconhecimento, prestígio e apoio financeiro.<sup>25</sup> *“Na actividade industrial estão inerentes diversos parâmetros da vida quotidiana, económica, política e cultural da sociedade, e a sua evolução no devir do tempo. Os seus vestígios são, por isso, fontes de grande potencial informativo para o entendimento da História geral ou local de uma região.”*<sup>26</sup>

De acordo com Álvaro Domingues, a explosão urbana das últimas décadas originou padrões urbanos caóticos e sem qualidade, que se distanciam das formas e escalas das cidades canónicas. Na década de oitenta do século XX principia-se o processo de revalorização sistemática e efectiva da cidade histórica, face ao “trauma” da perda da cidade canónica.<sup>27</sup> A questão da preservação de monumentos era, por isso, utilizada nos finais do passado século pela crítica arquitectónica, para aludir à temática dos espaços urbanos descaracterizados.

A requalificação urbana vem apoiar a visão de Kenneth Hudson, que defende que *“(...) Uma das principais razões para se querer preservar um edifício original é poder recuperar a relação entre as pessoas e o espaço no passado. (...) Dar*

---

<sup>25</sup> MATOS, Ana Cardoso de; Ribeiro, Isabel Maria; Santos, Maria Luísa – Intervir no Património Industrial: das experiências realizadas às novas perspectivas de valorização. *apud* SAMPAIO, Maria da Luz – Actas do Colóquio de Museologia Industrial: Reconversão de Musealização de Espaços Industriais. p. 27.

<sup>26</sup> SERRANO, Ana Catarina Bispo – Reconversão de Espaços Industriais: três projectos de intervenção em Portugal. p. 35.

<sup>27</sup> DOMINGUES, Álvaro – Património Industrial e Requalificação Urbana. *apud* SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.), Reconversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. p. 125.



Plano de Reabilitação da zona da antiga Fábrica Naval, que se situa entre o Cais do Sodré e a Praça do Comércio, em Lisboa. Projecto dos PROAP.

*às pessoas de hoje a oportunidade de experimentar os espaços de ontem é uma das principais razões para preservar edifícios antigos.*<sup>28</sup>

A requalificação urbana existe para se referir sobretudo a “*políticas de intervenção na cidade (mais ou menos) histórica, onde se têm verificado processos de obsolescência funcional, degradação de edifícios, conjuntos edificados e espaços públicos, originando, frequentemente, o abandono ou a ocorrência de usos desqualificantes.*”<sup>29</sup>

Onde outrora existiam infraestruturas e actividades na cidade, relacionadas com a indústria, quer sejam edificado ou vazio, actualmente encontramos os denominados “*brownfields*”<sup>30</sup>. Os projectos urbanos mais recentes de renovação destes terrenos são normalmente situados em frentes de água, como antigas áreas portuárias, pois são apetecíveis aos investimentos privados ou públicos. São zonas singulares tanto para o desenvolvimento de edificado como de espaço público, e reúnem diversas funções, como equipamentos culturais e de lazer, restauração, hotelaria, habitação ou escritórios. São várias as cidades que já receberam este tipo de requalificação, quando os seus portos foram parcialmente desactivados ou deslocados, como Nova Iorque, Londres, Buenos Aires ou até Lisboa.

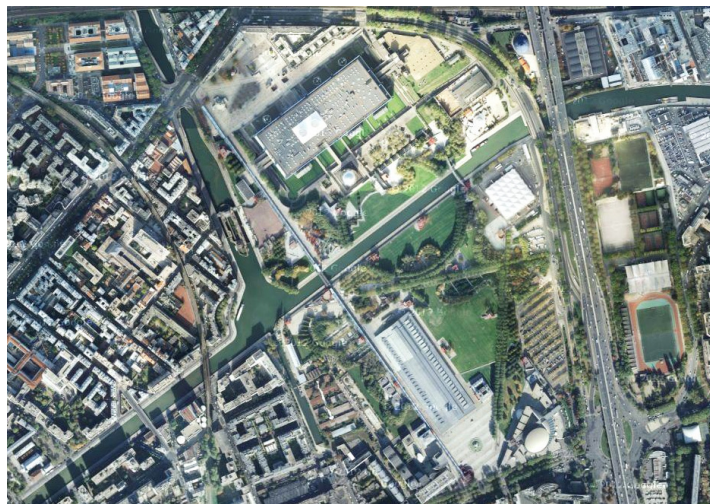
Há também outros exemplos, a uma escala mais pequena, como os “vazios” presentes no interior das malhas urbanas, que resultaram tanto de edifícios, como de estruturas provenientes do processo de industrialização, que

---

<sup>28</sup> HUDSON, Kenneth - Preserving industrial monuments: what is possible and what is not *in* I Encontro Nacional sobre o Património industrial – “Actas e Comunicações”. p.40-41.

<sup>29</sup> DOMINGUES, Álvaro – Património Industrial e Requalificação Urbana. *apud* SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.), Reconversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. p. 125.

<sup>30</sup> Termo muito usado nos Estados Unidos para definir espaços que sofreram uma passagem da economia industrial para uma economia pós-industrial, deixando para trás uma herança do encerramento das indústrias no período da desindustrialização. Não são necessariamente antigas indústrias; podem ser minas abandonadas, antigos depósitos de resíduos, infra-estruturas de transportes, portos, aeroportos, entre outros.



Antigos Matadouros de Paris. 1900.  
Parque *La Villette*, Paris. 1982.



através da requalificação vão adquirindo um novo uso. Temos como exemplo deste acontecimento o Parque *La Villete*, em Paris, inaugurado no início dos anos 90, situado numa área que, até meados dos anos 70, albergava um matadouro. Desta forma estabelecem-se novas realidades e ganham-se novos pólos dentro da cidade.

No entanto, quando intervimos no âmbito do património industrial devemos pressupor uma intervenção num tecido urbano que outrora correspondeu a um processo de industrialização e que, nos dias de hoje, possivelmente faz parte de uma fase de desindustrialização e/ou de renovação urbanística.<sup>31</sup> Tomando o património industrial como algo redundante ou repetitivo, e não sendo todo passível de ser preservado, deve realizar-se um trabalho prévio de identificação que obedeça a determinados critérios bem definidos. Segundo Mendes Pinto, deve ser feita uma avaliação, a fim de determinar o valor arquitectónico do elemento, a análise histórica da sua fundação, actividade e o seu peso socioeconómico. Outros factores, como as características do edifício, o seu estado de conservação, o clima e a região, aspectos políticos e sociais, e os motivos que estiveram na origem da sua ruína, são também reflexões importantes para a selecção dos imóveis a serem conservados. A presença destes critérios será abordada mais adiante neste trabalho, quando expusermos os casos que ilustram a renovação de antigas estruturas industriais. Esperando que se torne numa materialidade didáctica, deve existir um mínimo de vestígios que sejam sujeitos a interpretação por parte dos seus visitantes, e que expliquem a sua história e o que se produzia (ou a sua função), e como se trabalhava e vivia. A identificação com o lugar faz parte da apropriação de um espaço, integrando o passado no novo uso, de forma a assegurar a sua actividade futura: *“ao significado cultural e histórico, há que acrescentar os novos significados trazidos pelas novas funções; à*

---

<sup>31</sup> MATOS, Ana Cardoso de; Ribeiro, Isabel Maria; Santos, Maria Luísa – Intervir no Património Industrial: das experiências realizadas às novas perspectivas de valorização. *apud* SAMPAIO, Maria da Luz – Actas do Colóquio de Museologia Industrial: Reversão de Musealização de Espaços Industriais. p. 32.



Parque Dora, Turim, Itália. 2011. Latz + Partner.  
A antiga zona industrial foi convertida num parque, que oferece várias zonas de lazer.

*preservação da memória patrimonial, conseguida pela leitura interpretativa do edifício e da sua original função, haverá que adicionar a gerada pelas atividades que aqui se vão sedimentar.”*<sup>32</sup>

Estando frequentemente situadas em zonas de elevado valor ambiental e paisagístico, estes testemunhos têm sido motivo de pressões que miram a maximização de lucros privados, através de intervenções muitas vezes descontextualizadas que ameaçam não só a qualidade do conjunto urbano, como a própria conservação do património industrial. Na prática, os processos de destruição de edifícios devem ser precedidos por uma avaliação das suas qualidades e valor patrimonial mas, no final, os critérios que quase sempre predominam são os de natureza económica, tornando árdua a decisão a favor de reutilizações ou recuperações desses imóveis. Por esta razão, as operações mais cobicçadas, e naturalmente mais benéficas, serão aquelas que estão direccionadas para o (re)desenvolvimento da área, a estimulação socioeconómica e a reconquista paisagística e ambiental, que visam a melhoria das actuais condições de vida da população, tendo sempre em conta a valorização, quer do património natural, quer do industrial.

No entanto, como nos ensina Françoise Choay, tomando o desafio de *“reintroduzir um monumento desafectado no circuito das utilizações vivas, em arrancá-lo a um destino museológico, a reutilização é, sem dúvida, a forma mais paradoxal, audaciosa e difícil de valorização patrimonial. (...) Atribuir-lhe novo destino é operação difícil e complexa, que não se deve fundar apenas sobre uma semelhança com o destino original.”*<sup>33</sup>

Uma das questões básicas com que nos deparamos é a de consciencializar como pode ser implementada a salvaguarda dos elementos do processo industrial,

---

<sup>32</sup> MELO, Conceição – Que Futuro para Antigas Fábricas Abandonadas? [em linha]

<sup>33</sup> CHOAY, Françoise – A Alegoria do Património. p.191.



Antigo Armazém Frigorífico do Bacalhau, Porto.  
O antigo armazém foi reconvertido em unidades habitacionais.

tendo em conta a dificuldade deste processo. Para pôr em prática a preservação, mostra-se fundamental uma análise aprofundada do espaço e do elemento para a identificação e caracterização dos problemas que existem nestas áreas da cidade, bem como da metodologia de intervenção a executar, realizando uma avaliação dos resultados obtidos. Desta forma é possível construir um corpo teórico e prático, que possibilite uma utilização mais abrangente e eficaz, em termos físicos, e vantajosa em termos sociais e económicos. É preciso conhecer as preocupações actuais relativas à cidade herdada e a evolução dos principais conceitos de intervenção, relativos à sua transformação. Estas estratégias de intervenção (proteger, conservar/valorizar e renovar) são abordadas no texto de João Couceiro<sup>34</sup> de uma forma sintetizada, bem como as acções que correspondem a cada uma e os respectivos domínios de aplicação. Segundo o próprio, os conceitos funcionais actualmente em uso são estremados por dois conceitos contrários, mas não necessariamente incompatíveis: *restaurar* pode ser definido, muito simplesmente, pela “*devolução do aspecto e características primitivas, erradicando as anomalias e desencadeadores de ruína*”, enquanto *renovar* significa “*demolir total ou parcialmente a(s) pré-existência(s) para construir de novo, ou não*”.

Como assinala Maria Pinto Coelho<sup>35</sup>, uma *reconversão* ocorre sempre que se pretende apropriar um imóvel para corresponder a uma nova função ou uso, o que provoca a introdução de novos elementos e revoluciona muitas vezes a configuração espacial inicial. Normalmente, neste tipo de intervenção, aconselha-se a adequabilidade dos novos usos inseridos, à conservação e preservação da preexistência.<sup>36</sup> É também possível *reutilizar* uma preexistência, adaptando-a aos

---

<sup>34</sup> COUCEIRO, João (coord.) – *Urbanidade e Património*. p.9.

<sup>35</sup> COELHO, Maria João Pinto – Intervir no Património. Conceitos e Opções. *apud* COUCEIRO, João, (coord.) – *Urbanidade e Património*. pp. 43-47.

<sup>36</sup>É preferível, sempre que possível, que sejam efectuadas reconversões onde a reversibilidade das novas estruturas introduzidas possa acontecer, permitindo a sua remoção se necessário, sem causar danos à estrutura original. Este processo é naturalmente arriscado, devido ao facto de as necessidades de funcionalidade do novo uso poderem ser inadapáveis ao espaço original, impondo uma nova configuração espacial. Cf. *Ibidem*. p. 45.



A antiga Fábrica Jerónimo Pereira de Campos, é o actual Centro Cultural e de Congressos da cidade de Aveiro.

requisitos da vida actual, ou introduzindo novos usos que não impliquem alterações radicais.

Podemos também utilizar o termo *reabilitação*, aquando de uma intervenção no tecido urbano, com o objectivo de “*promovermos a conservação e a melhoria dos seus edifícios e espaços públicos e a revitalização económica e social.*”<sup>37</sup> Relativamente à *requalificação*, utiliza-se normalmente quando abordamos intervenções em tecidos urbanos que se encontram num processo de obsolescência ou degradação, ou que careçam de equipamentos, infra-estruturas ou espaços públicos, e que para serem usufruídos são sujeitos a operações que visam devolver às estruturas uma qualidade de vida admissível.

A regeneração urbana engloba os sectores público e privado, incluindo a comunidade, estimulando-os a trabalharem juntos para o mesmo objectivo simples: melhorar a qualidade de vida dos habitantes. É preciso garantir que as organizações e os indivíduos estejam a aprender com os sucessos (e com os fracassos) de outros. Esta é a altura, durante a recessão, de as nossas cidades beneficiarem da preservação histórica e da reutilização adaptativa. A crise imobiliária e da construção que vivemos actualmente, alerta-nos que não podemos produzir infinitamente novos edifícios.

“(...) *in order not to ‘lose this heritage’, it is necessary to consider, first, the reasons behind the development of certain industrial landscape, second, the relation of that landscape with its surroundings and, third, its meaning to citizens.*”<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> COELHO, Maria João Pinto – Intervir no Património. Conceitos e Opções. *apud* COUCEIRO, João, (coord.) – Urbanidade e Património. p. 45.

<sup>38</sup> LOURES, Luís – (Re)Developing Post-Industrial Landscapes: Applying Inverted Translational Research Coupled with the Case Study Research Method. p. 6 [em linha]





## Memória da Indústria ou Memória Identitária dos Lugares?

*“O espírito da conservação associa a preferência pelo passado e pelo presente numa mesma recusa de um futuro incontrolado, de uma fuga para a frente e de uma modernização exagerada.”<sup>39</sup>*

A salvaguarda do património industrial transporta consigo princípios de ética sobre o que preservar para o futuro, lembrando um pouco a história da Arca de Noé, uma vez que não há um espaço infinito que possa abrigar todas as obras, que com o passar do tempo vão ficando encobertas pela sua própria sedimentação. Desta forma deve-se proceder a uma selecção que dependerá de diferentes factores, procurando afinidades territoriais e estímulos de memória, ou objectos que immortalizem uma relação mais simbólica com o sujeito que ainda pode usufruir deles e os valoriza como se fossem seus. Segundo Deolinda Folgado existe *“um incómodo em saber que a matéria que o Homem irá preservar do seu passado para o futuro se resume ou a objectos de extraordinário valor estético ou a um volume estatístico de bens, que engrossaram a lista de bens salvaguardados, instrumentalizando a tal memória autorizada.”<sup>40</sup>*

De facto, a realidade actual mostra-nos que o carácter do espaço pré-existente nem sempre é considerado como uma premissa do projecto de arquitectura. Alguns dos mais notáveis edifícios contemporâneos foram construídos em negação com o significado do sítio onde se erguem, mostrando-se indisponíveis para se conciliar com o ambiente local, resultando numa perda de identidade, de relação com o lugar, por parte das pessoas. Um exemplo desta

---

<sup>39</sup> LACROIX, Michel *in* FOLGADO, Deolinda – Património Industrial. Que memória? Apud JORGE, Vitor Oliveira, (coord.). Conservar para quê? p. 355.

<sup>40</sup> FOLGADO, Deolinda – Património Industrial. Que memória? *apud* JORGE, Vitor Oliveira – Conservar para quê? p. 365.



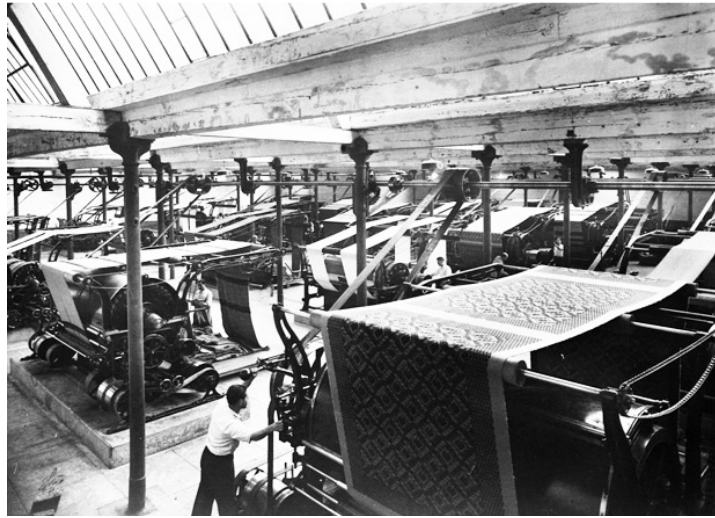
contradição com a identidade do lugar é o projecto de Jean Nouvel, de 1989, na zona de *La Défense*, em Paris: um arranha-céus, que partia da base como um objecto escuro, e à medida que crescia em direcção ao céu ia-se tornando mais transparente, ‘misturando-se’ com as nuvens.<sup>41</sup>

No seu manifesto “*Sub-urbanism and the Art of Memory*”, Sébastien Marot propõem-nos uma leitura dos projectos em função do seu programa, tendo em conta as várias camadas sobrepostas com o passar do tempo, reflectindo activamente sobre a memória de cada lugar. O seu estudo parte da análise do trabalho de outros (quatro) autores, como é exemplo a obra “*The Art of Memory*” de Frances Yates, que aborda o conceito de memória, vivido pelas antigas civilizações: “*Few people know that the Greeks, who invented many arts, invented the art of memory which, like their other arts, was passed on to Rome whence it descended in the European tradition. This art seeks to memorize through a technique of impressing ‘places’ and ‘images’ on memory. It has usually been classed as ‘mnemotechnics’, which in modern times seems a rather unimportant branch of human activity. But in the age before printing a trained memory was vitally important; and the manipulation of images in memory must always to some extent involve the psyche as a whole.*”<sup>42</sup> Marot defende que, ao invés de focarmos a nossa atenção principalmente no programa, quando se trata de urbanismo e arquitectura, a memória deve levar-nos a redireccioná-la para o lugar em si – o ‘sítio’ deve ser a ideia reguladora do projecto, orientado por uma memória activa. Este tipo de pensamento está mais desenvolvido na arquitectura paisagista, talvez pelo facto de ser uma arquitectura mais pública, que funciona como modelo para um novo urbanismo focado na memória colectiva. O seu “sub-urbanismo” ideal

---

<sup>41</sup> DUARTE, Cristiane; Pinheiro, Ethel – Esquecimento e Reconstrução: Memória e Experiência na arquitectura da cidade. p. 73. [em linha]

<sup>42</sup> YATES, Frances – *The Art of Memory* apud MAROT, Sébastien – *Sub-urbanism and the Art of Memory*. p. 10.



Interior da antiga Fábrica de Tecidos de Santo Thyrsó.

deve desenvolver uma protecção e uma hipótese de renovação para a arte da memória.<sup>43</sup>

O choque entre memória e esquecimento, na arquitectura, acontece no momento em que é preciso decidir o que conservar, o que retirar, ou como fazer uma junção das duas. Embora difícil e ambicioso, a requalificação e a reconversão de espaços devolutos pode tornar-se numa mais-valia para todos os que dela usufruem, pois vão definir não só o espaço urbano onde se inserem, mas também melhorar a qualidade de vida dos habitantes locais, e ao mesmo tempo garantir a continuidade dos elementos construídos. Permite não só que os valores do passado (técnicas construtivas, história, significado social, etc) não sejam esquecidos, mas também que a imagem da cidade seja revalorizada, nas suas componentes históricas, social e de memória. *“Memória e identidade são valores subjetivos. Neste caso, encontram-se associadas a um lugar, um espaço edificado e fabricado, que esteve ligado à história (...) do município e da região. A preservação desta memória coletiva não se faz sem a sua continuidade na contemporaneidade. E a dificuldade reside aí. Como preservar a memória e a identidade, fatores que contribuem para o bem-estar e a coesão social, adotando e adaptando o espaço a novos usos?”*<sup>44</sup>

Através da reabilitação, as relações que surgem entre a realidade do presente e a do passado engrandecem o conteúdo dos espaços industriais, provendo-os de diversos *layers* com valores que de outro modo não existiriam. Estas *“marcas anacrónicas que são os baldios industriais, os poços e os carris das minas desertas, os montes de escória, as docas e os estaleiros navais abandonados, possuem, antes de mais, um valor afectivo de memória para aqueles para quem, desde há gerações, eles eram o território e o horizonte e que procuram não ser deles*

---

<sup>43</sup> YATES, Frances – The Art of Memory *apud* MAROT, Sébastien – Sub-urbanism and the Art of Memory. p. 10.

<sup>44</sup> MELO, Conceição – Que Futuro para Antigas Fábricas Abandonadas? [em linha]



*desapossados.*<sup>45</sup> Através da mudança de programa ou de função, ao assegurar a firmeza das antigas paredes, reinventam-se engenhos de reavaliação do significado dos lugares, retomam-se amizades que o tempo pode ter destruído.<sup>46</sup>

Como nos instrui Folgado, o valor afectivo da memória aparenta ser a marca do passado que mais significado atribui aos vestígios de uma outra época ainda presente nos indivíduos de hoje. Relativamente ao património industrial, a percepção afectiva dos lugares e/ou paisagens e do restante considerado património, representa para diversas gerações, locais de referência que quando desfeitos motivam uma espécie de desolação, incitando no sujeito um sentimento de perda. O insucesso na adaptação dos equipamentos urbanos de outrora, a destruição da memória, pode resultar numa perda de identidade, do ponto de vista do indivíduo. Apesar de algumas vezes não ser evidente, a sociedade transmite a sua opinião em relação à cidade, o que se espelha na estima e consideração de uns elementos urbanos e no desapareço de outros. Isto acontece devido à interpretação da importância de um lugar que cada indivíduo faz, ao qual associam memórias que dotam o elemento de um certo valor para a sua relação individual com o sítio e com a cidade: *“mais do que a requalificação física do espaço pretende-se um verdadeiro projeto de regeneração urbana que obrigatoriamente pressupõe uma perspectiva evolutiva e vivencial do património. Não interessa ao município, não interessa à cidade, guardar estaticamente a memória do lugar, interessa recompô-la com novas vivências, abertas à comunidade local.”*<sup>47</sup>

A importância que se concede a um determinado elemento urbano é muitas vezes o seu principal catalisador da imagem global da cidade. Podemos compreender esta ideia simplesmente ao pensar, por exemplo, na Torre Eiffel e no

---

<sup>45</sup> MATOS, Ana Cardoso de; Ribeiro, Isabel Maria; Santos, Maria Luísa – Intervir no Património Industrial: das experiências realizadas às novas perspectivas de valorização. *apud* SAMPAIO, Maria da Luz – Actas do Colóquio de Museologia Industrial: Reconversão de Musealização de Espaços Industriais. p. 29.

<sup>46</sup> MILHEIRO, Ana Vaz – Refazer a Memória dos Homens [em linha]

<sup>47</sup> MELO, Conceição – Que Futuro para Antigas Fábricas Abandonadas? [em linha]





significado que esta representa perante a cidade de Paris. Sem esse marco histórico material, a cidade francesa provavelmente não teria o mesmo simbolismo. Desta forma, a dinâmica urbana tem tendência a progredir em torno dos atributos que tornam esta última mais singular, mais interessante. Os símbolos que representam determinada cidade são gerados pela importância que lhes é conferida. Se, por outro lado, se optasse pela demolição destas estruturas públicas pós-industriais, ou se ficassem sujeitas a investimentos privados, o resultado seria similar a um esvaziamento da memória local construída.<sup>48</sup>

A defesa do património industrial é assim conseguida pelo reconhecimento dos testemunhos da actividade industrial como lugares de memória que carregam consigo um valor identitário para a comunidade em que se inserem. Porque, citando José Cardoso Pires, *“sem memória esvai-se o presente que simultaneamente já é passado morto. Perde-se a vida anterior. E a interior, bem entendido, porque sem referências do passado morrem os afectos e laços sentimentais. É a noção do tempo que relaciona as imagens do passado e que lhes dá a luz e o tom que as datam e as tornam significantes, também isso.”*<sup>49</sup>

O conceito de património industrial foi sendo gradualmente fortificado através do reconhecimento dos seus múltiplos valores, como o valor histórico, o valor social, o tecnológico, o científico e o arquitectónico. Estes valores unidos concedem relevância ao património, pois representam um momento específico da evolução das actividades humanas, a experiência do trabalho industrial ou o desenvolvimento de transformações técnicas e tecnológicas do processo industrial. A nível científico, servem como fonte a estudos em campos diferentes, como a História social e económica, e arquitectonicamente a forma e aparência dos seus projectos retractam a função específica que era suposto realizar.

---

<sup>48</sup> BALIBREA, Mari Paz – Memória e Espaço Público na Barcelona Pós-Industrial. p. 41.

<sup>49</sup> PIRES, José Cardoso - *De Profundis, Valsa Lenta*. p.25.



*“O processo desenfreado remete-nos para a salvaguarda, querendo com isto salvaguardar o próprio Homem perante um niilismo estonteante, colmatado nos tais lugares fenomenológicos, pois causam em nós a emoção e invocam um simbolismo inerente à recordação, gerando-se um pensamento rememorativo assente na afectividade. Estas emoções profundas são também passíveis de se sentirem em sítios ou lugares industriais.”<sup>50</sup>*

---

<sup>50</sup> FOLGADO, Deolinda – Património Industrial. Que memória? *apud* JORGE, Vitor Oliveira – Conservar para quê? p. 360.



### CAPÍTULO III. “OLD SPACES, NEW IDEAS”.

Antes de iniciar uma reconversão, é importante reflectir se o que está a ser preservado para o futuro é realmente significativo no presente. A integração dos testemunhos do passado na vida contemporânea é essencial para a sua salvaguarda, e essa inclusão passa por dar sentido a estas provas materiais, por oferecer-lhes um destino útil, de forma a conceder-lhes o seu devido valor. Esta valorização pode mostrar-se “*de várias formas, da simples conservação e restauro aos programas de animação, à musealização e à reutilização para os mais variados fins.*”<sup>51</sup>

A *adaptação da reutilização*<sup>52</sup> representa uma combinação complexa de desafios e benefícios. É uma mistura de premissas históricas e restrições, combinadas com criatividade. No entanto, não basta querer reutilizar um volume ou um espaço para outro fim e fazê-lo. A razão dessa reconversão deve ser a

---

<sup>51</sup> MATOS, Ana Cardoso de; Ribeiro, Isabel Maria; Santos, Maria Luísa – Intervir no Património Industrial: das experiências realizadas às novas perspectivas de valorização. *apud* SAMPAIO, Maria da Luz – Actas do Colóquio de Museologia Industrial: Reconversão de Musealização de Espaços Industriais. p. 28.

<sup>52</sup> Do inglês “*adaptive reuse*”, muitas vezes usado para descrever o processo através do qual os espaços e materialidades são reutilizados para fins diferentes do que para aqueles que inicialmente foram pensados.



própria cidade, e não o simples acto voluntário da escolha de programa que deve determinar a opção. Temos também de ter em conta que não há soluções pré-definidas e que cada caso é sempre singular, definido pelo conjunto de características próprias do contexto urbano e da sociedade que o modela. Naturalmente que os objectivos de cada cidade, bem como as suas prioridades e medidas a tomar, são diferentes. Deve, portanto, “*analisar-se o contexto urbano dos equipamentos na época do seu aparecimento e averiguar os papéis desempenhados, (...) ao longo da sua existência*” e também “*estudar as possíveis relações que a zona poderia passar a ter com o resto da cidade, de modo a renovar a sua simbiose.*”<sup>53</sup>

A maior problemática da requalificação do espaço urbano deve ser a adaptação das políticas de intervenção a cada situação. A deliberação perfeita seria obter uma solução equilibrada para cada caso de abandono ou ocupação desordenada, ao invés de regular toda a cidade pelo mesmo plano inflexível de reorganização. O objectivo não é imobilizar os monumentos como se fazia no tempo do Modernismo, mas sim oferecer-lhes novas relações com o resto da cidade. Embora cada edifício ou cada objecto passe por um processo único de regeneração, estes não devem ser abordados isoladamente, mas sim tratados como componentes de um único corpo, uma vez que são alterados para responder a um objectivo comum.

Desta forma, é importante analisar a influência das construções na zona em que se inserem, o que significam perante a cidade, e também a sua escala e monumentalidade, ou a carga histórica que possuem. Quando se pretende estudar a indústria e as suas consequências sobre a paisagem de uma região ou de um certo centro urbano, uma das questões que se coloca debruça-se sobre a necessidade de compreender o termo *paisagem* e a sua evolução. Desta forma, quando abordarmos os casos de estudo, é essencial contextualizar cada um através da

---

<sup>53</sup> BALTAZAR, Rui Vitor – Máquinas Urbanas. p. 13.



Tate Modern, Londres, Reino Unido. 2000.  
Vista aérea do Shanghai Houtan Park, Shanghai, China. 2010.



análise da sua paisagem envolvente e do desenvolvimento do processo produtivo que a originou.

Nas últimas décadas surgiram inúmeros exemplos de preservação de património industrial, muitos deles de incontestável importância, como é o caso do museu Tate Modern (2000), em Londres, situado no edifício de uma antiga central eléctrica. Outro exemplo contemporâneo, embora num registo mais raro, é a reconversão de antigas estruturas industriais em espaços ou parques verdes, preservando normalmente uma parte do corpo que se encontra obsoleto ou em ruína; é sobre estas que nos debruçamos neste trabalho. Segundo o arquitecto paisagista Peter Latz, precisamos de espaços verdes para compensar a vida que levamos e o que se torna mais fundamental no meio urbano é o que não se tem; em Espanha, por exemplo, as cidades têm densidades exageradas, o que provoca uma procura de espaços públicos abertos.<sup>54</sup>

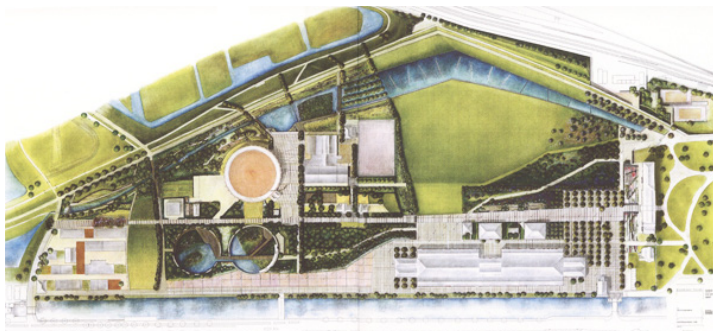
A reconversão de *brownfields* em zonas verdes oferece uma melhoria do ambiente natural, tratando da contaminação da área abandonada, e coopera também na transformação de zonas flageladas da cidade em ambientes humanos mais saudáveis, proporcionando mais espaços de recreio, passeio ou outras actividades físicas. Em termos de saúde<sup>55</sup>, torna-se importante aproveitar as oportunidades de lazer e o acesso a lugares onde os visitantes possam estar fisicamente activos regularmente. Isto requer a existência de espaços ao ar livre, incluindo parques e corredores verdes urbanos.

A relação entre os testemunhos da época industrial, o espaço verde e a vida activa em ambientes urbanos tem ganho alguma atenção política, mas ainda

---

<sup>54</sup> ZABALBEASCOA, Anaxu - "El Problema del Paisaje Actual es la Fragmentación" : entrevista Peter Latz [em linha]

<sup>55</sup> Esta necessidade do saudável nasce no século XIX, com a necessidade de um corpo forte para manobrar as máquinas industriais e de uma sociedade sã, para evitar as epidemias.



Passadiço e área de descanso junto ao rio. Shanghai Houtan Park.  
Área de lazer no Shanghai Houtan Park, que anteriormente era um *brownfield*.  
Planta do *Westergasfabriek Park*, Amsterdão, Holanda. 2005.  
O novo parque incorpora elementos verdes, a água e as antigas estruturas industriais.

está relativamente inexplorada. Em Portugal, embora já se verifiquem diversos casos de renovações de edifícios industriais para outros fins (normalmente habitacional, escritórios ou museus, como é o caso dos Armazéns Frigoríficos da Doca de Alcântara, hoje em dia conhecidos como o Museu do Oriente) este tipo de reconversões ou reutilizações continua pouco explorado. Do ponto de vista prático, a razão desta falta de aplicação talvez se deva ao facto de este tipo de solução não ser muito divulgado.

No entanto, quando existe uma requalificação deste género, cada cidade deve confrontar as realidades financeiras que um processo destes apresenta. A ideia de revitalização de um *brownfield* é normalmente alimentada pela promessa de oportunidades de habitação e ganhos económicos, associados a reutilizações de espaços industriais ou comerciais. Em várias cidades por todo o mundo, grande parte do apoio financeiro que o estado oferece para o desenvolvimento dos terrenos abandonados tem convergido maioritariamente para reutilizações que apresentem ganhos económicos mais imediatos. Em contraste, sendo os benefícios da existência de espaços verdes mais invisíveis, qualitativos e a longo termo, a reconversão para este tipo de áreas carece muitas vezes de apoio ou estímulo particular.

Há um conjunto heterogéneo de condições que modelam a conversão de áreas industriais abandonadas para espaços verdes. Não surpreendentemente, muitos deles estão ligados a factores financeiros, entre eles, os elevados custos da rectificação do terreno, as despesas associadas à manutenção de parques e áreas de lazer, e a falta de receitas que o uso destes espaços representa. Podem ainda existir outras forças que reduzem a utilidade numa reconversão para um espaço verde,





Vista aérea do Parque del Clot, Barcelona, Espanha.  
São visíveis os arcos da antiga estação ferroviária. Parque del Clot.

como a localização do projecto, os usos dos terrenos ao seu redor, ou ainda a já existência de uma área verde ampla na zona.<sup>56</sup>

Apesar destes desafios, dezenas de comunidades modificaram com sucesso propriedades contaminadas em amplos espaços e incríveis parques verdes. Temos como exemplo a cidade espanhola de Barcelona, que foi sujeita a um processo de valorização que afectou a estruturação dos espaços públicos e principais estruturas, e de uma transformação do sistema económico que anteriormente se baseava na indústria.<sup>57</sup> A consciencialização de que era essencial reformar o funcionamento e a organização da cidade deu-se no início da década de 80, sendo posteriormente reforçada pela estratégia urbana para os Jogos Olímpicos de 1992, que consolidou a transformação das áreas de Montjuic, Diagonal, Vall d'Hebron e da Vila Olímpica, que sofreram intervenções a diferentes escalas.<sup>58</sup> A nova política urbana adoptada deu primazia à necessidade que as pessoas tinham de um lugar onde se pudessem reunir e à criação de espaços amplos para pedestres.<sup>59</sup>

Nas últimas três décadas, a cidade conseguiu mudar o seu panorama de industrial para cultural, criando novas praças – principalmente através da demolição de edifícios em ruína –, parques e passeios públicos – reutilizando e reconvertendo muitas vezes espaços e estruturas pós-industriais em ruína –, ou renovando praças existentes e a normalização do tráfego a fim de beneficiar a circulação pedestre.<sup>60</sup> Devido a todas as transformações positivas que sofreu, a cidade espanhola é conhecida como a “cidade recuperada”<sup>61</sup>, e é um modelo a

---

<sup>56</sup> SIIKAMAKI, Juha; Wernstedt, Kris - *Turning Brownfields into Greenspaces: Examining Incentives and Barriers to Revitalization*. pp. 560-565

<sup>57</sup> BUSQUETS, Joan – Barcelona Revisited: Transforming the City Within the City *apud* CHARLESWORTH, Esther – *City Edge: Case Studies in Contemporary Urbanism*. p. 34.

<sup>58</sup> *Ibidem*. p. 36.

<sup>59</sup> GEHL, Jan; Gemzoe, Lars – *Novos Espaços Urbanos*. p. 28.

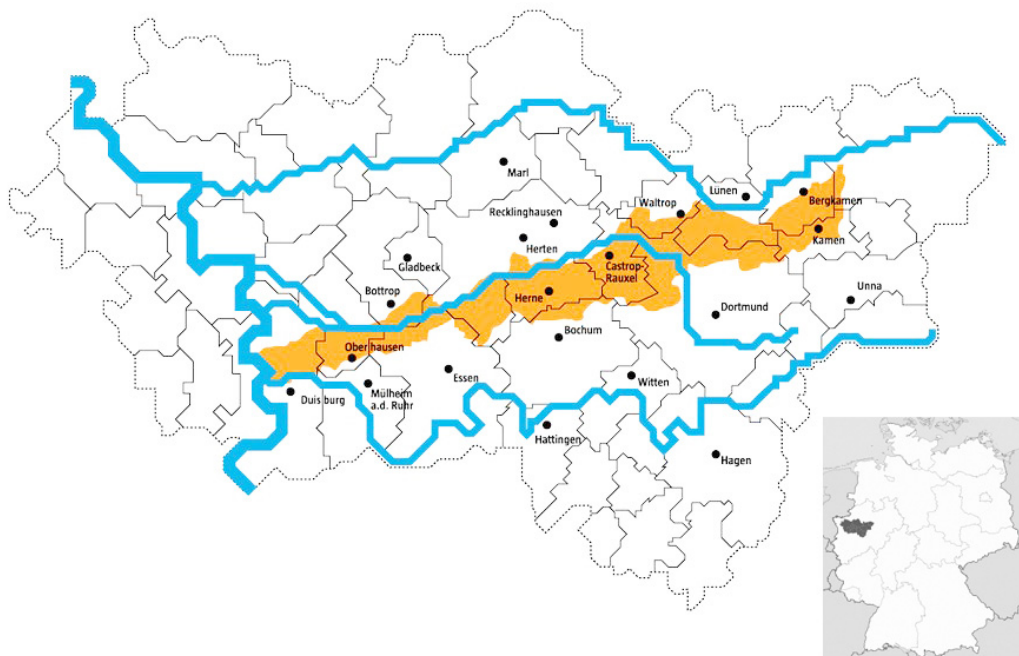
<sup>60</sup> *Ibidem*. p. 26.

<sup>61</sup> *Ibidem*. p. 18.



seguir para qualquer centro urbano que necessite de uma revalorização do seu espaço público.

Entre os parques verdes construídos está o Parc del Clot, que constitui um exemplo de como se pode conservar a memória de um local e simultaneamente criar uma nova vida para os habitantes do bairro em que se inserem. O parque verde reconvertido situa-se no local de uma antiga estação ferroviária parcialmente destruída e abriu ao público em meados dos anos 80 do século passado. Constitui um espaço urbano plano, ligeiramente descido em relação ao nível da rua, onde os restos do caminho-de-ferro ainda são visíveis e as antigas vizinhanças industriais são combinadas com a vegetação, tendo sido galardoado com o Prémio FAD na categoria de espaços públicos, em 1986.



Espaço planejado pelo IBA Emscher Park. 800km<sup>2</sup>



## IBA EMSCHER PARK

*“What we need is continuity (...) historic preservation is not sentimentality but a psychological necessity. We must learn to cherish history and to preserve worthy old buildings . . . we must learn how to preserve them, not as pathetic museum pieces, but by giving them new uses.”<sup>62</sup>*

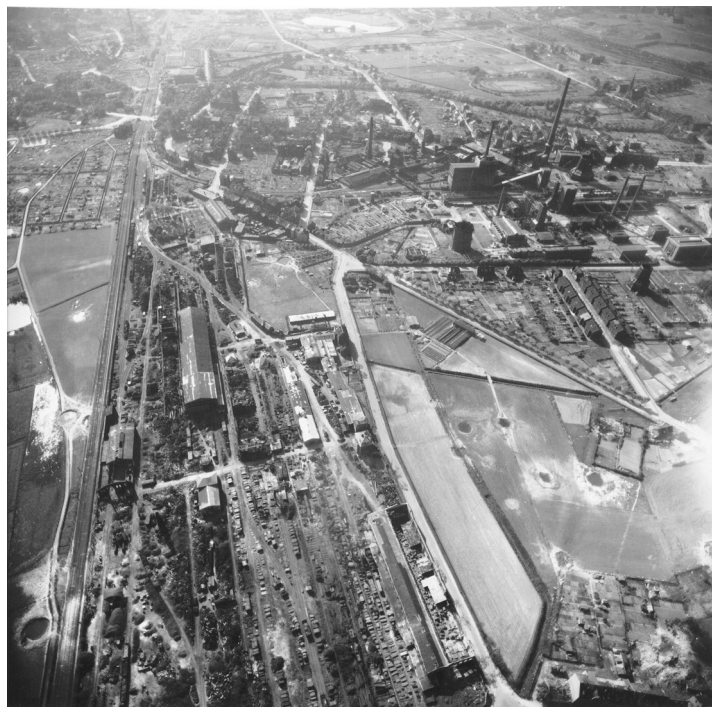
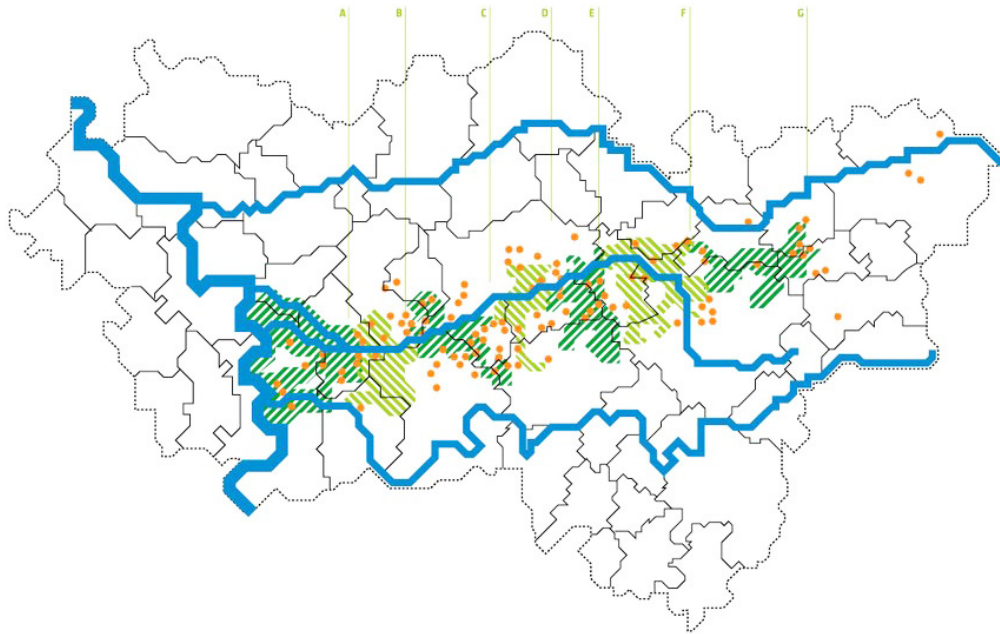
O vale do Ruhr, situado na parte oeste da Alemanha, foi outrora o coração industrial do país. Situado numa das regiões mais poluídas e ambientalmente degradadas do mundo<sup>63</sup>, o distrito finalmente renasceu. Os vestígios industriais da região foram transformados para atender a novos usos recreativos e preservar a rica história da região. Com a Exposição Internacional de Construção (IBA<sup>64</sup>), a

---

<sup>62</sup> HUXTABLE, Ada Louise – Lessons in Healing the City’s Scars in The New York Times, 1973. [em linha]

<sup>63</sup> SCHLEIPEN, Dominik – IBA Emscher Park in Quaderns d’arquitectura i urbanisme nº 225: Las escalas de la sostenibilidad p. 110.

<sup>64</sup> Sigla alemã para *Internationalen Bauausstellung*, referente à tradição alemã de exposições de construção. Desde os anos 20, os municípios alemães organizam estas ‘exposições’ para descobrir boas soluções para as demandas arquitectónicas e urbanas, convidando arquitectos internacionais e apresentando essas soluções ao público internacional.



Planta da área do Emscher Park, onde são identificados os 120 projectos executados.  
Zona industrial no vale do Ruhr, após bombardeamentos da II Grande Guerra.

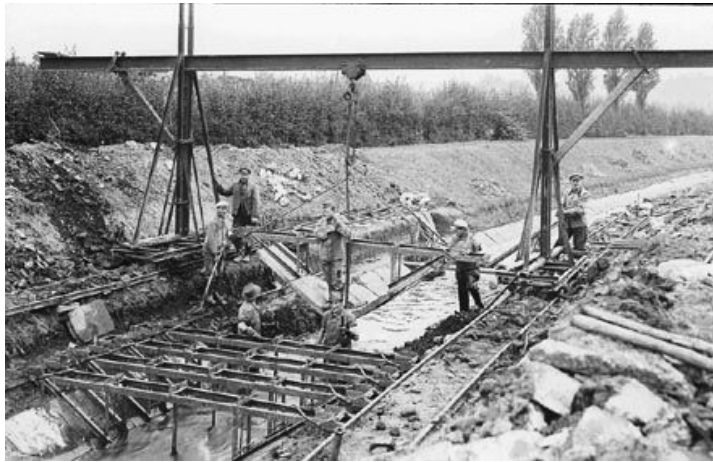
reabilitação originou a uma imagem mais verde, criou uma comunidade mais coesa e conservou a identidade da região.

A região do Ruhr detém este nome devido à presença do rio Ruhr na parte sul da área. Existem ainda outros dois rios que percorrem a zona: o Lippe, a norte, e o Emscher, ao centro.

A industrialização afectou uma grande área e influenciou não só o meio urbano, mas especialmente o desenvolvimento do meio rural, produzindo uma paisagem maioritariamente artificial. As fábricas começaram por se instalar junto ao rio Ruhr, tendo posteriormente crescido para norte, atravessando o rio Emscher. Antigamente, as minas de carvão e ferro e as siderurgias sustentaram a máquina militar industrial durante as duas guerras mundiais, e durante as décadas de 50 e 60 era o motor da economia alemã e também do resto da Europa. O crescimento tecnológico e económico trouxe consigo instalações fabris maiores e mais minas, com graves consequências para o ambiente. A mineração intensiva na zona originou perigo de afundamento. Desta forma, ao invés de instalar esgotos subterrâneos que ficariam em risco de serem quebrados, as autoridades locais criaram um esgoto a céu aberto para transportar os resíduos industriais e humanos.

No entanto, nos anos 70 o crescimento parou e os mercados internacionais começaram a mudar. As indústrias da região tornaram-se menos competitivas, levando ao encerramento das minas. As fábricas, que antigamente operavam dia e noite, caíram no silêncio e os portões cerraram, deixando para trás áreas abandonadas à espera de restauro.

Enquanto a zona sul da região se tornava vagarosamente num território de bonitas paisagens e bons bairros, a parte norte, densamente povoada, sofreu



Instalação de perfis de betão no rio Emscher, no início do século passado.  
Vista do rio Emscher do topo do Gasómetro de Oberhausen.  
A água é muito importante em vários parques no vale do Ruhr, como o de Duisburg-Nord

uma quebra na paisagem, uma enorme área industrial abandonada e, conseqüentemente, baixa qualidade urbana.

A região alberga cerca de dois milhões de moradores, e no final da década de 80 a taxa de desemprego excedia os 15%.<sup>65</sup> O desgaste ecológico reflectia-se na resignação psicológica da maioria da população.

Face a estas realidades, em 1988 o governo de *North Rhine Westfalia* iniciou um programa denominado IBA Emscher Park – *International Building Exhibition*<sup>66</sup> –, com o objectivo de preparar uma estratégia para o desenvolvimento ecológico, social e económico da região do rio Emscher, que engloba um território de cerca de 800 km<sup>2</sup>.<sup>67</sup> O lançamento de um concurso de ideias foi o impulsionador e ponto de partida, registando cerca de 400 participantes que partilharam o seu olhar crítico sobre a complexidade do sistema da região. Os temas abordados passaram pela economia, ecologia, cultura, contexto social, arquitectura e urbanismo.

Dentro da região do Ruhr, o IBA debruçou-se sobre o rio Emscher. O primeiro objectivo era limpar o rio. Agora que a actividade nas minas estava terminada, os esgotos passaram a ser subterrâneos e o rio lentamente recuperou a sua autenticidade; os canais de betão foram removidos e a vegetação foi devolvida ao local. A iniciativa passava também por implementar uma estratégia que aproximasse a combinação entre o desenvolvimento urbano e a paisagem, conciliando o investimento privado e a qualidade arquitectónica. Outro dos objectivos era o de incorporar e desenvolver os espaços abertos já existentes de forma a criar um sistema regional de parques, que incluiria a ligação de sete corredores verdes, que se estendem ao longo da região. Foram realizados estudos

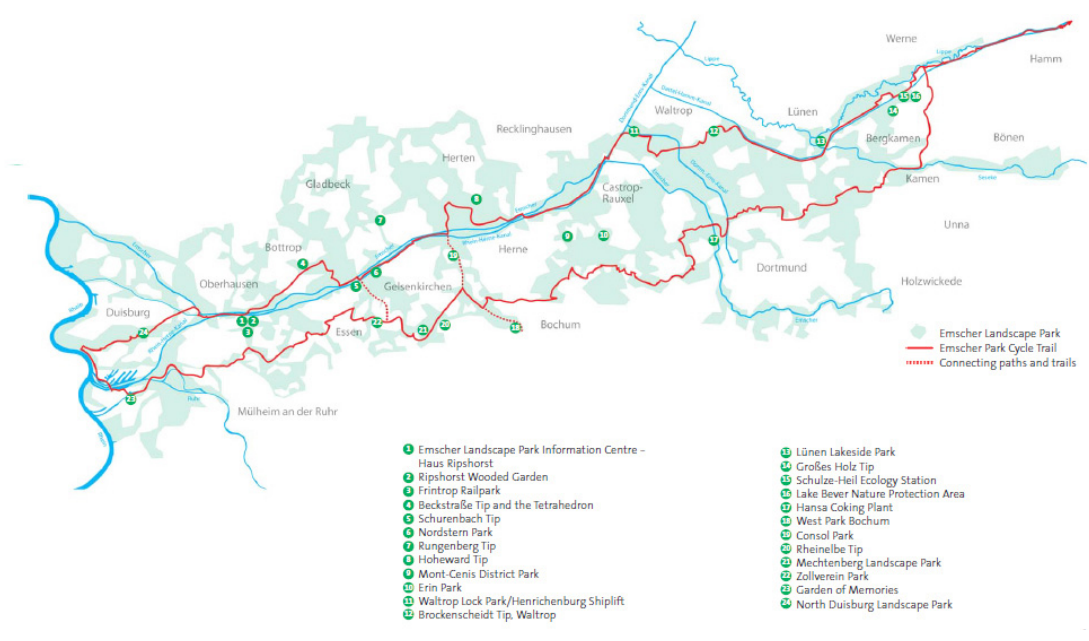
---

<sup>65</sup> LABELLE, Judith M. - Emscher Park, Germany — expanding the definition of a “park”. p. 222. [em linha]

<sup>66</sup> SCHLEIPEN, Dominik – IBA Emscher Park in *Quaderns d’arquitectura I urbanisme* n° 225: Las escalas de la sostenibilidad p. 110.

<sup>67</sup> Ibidem





Principais zonas de actuação do programa IBA EMshcer Park.

da possível expansão suburbana, definindo posteriormente as áreas que seriam rodeadas pela rede de espaços verdes. A ambição deste plano tornou-se clara quando deu notícia da percepção de que esta rede de zonas verdes teria de incluir as antigas instalações industriais, o sistema de transporte que as ligava e os velhos montes de entulho.

A designação *Emscher Park* representa a decisão de mudar a qualidade urbana e paisagística da zona norte da região referida, que engloba dezassete municípios e 2,2 milhões de pessoas, num programa para detalhar e executar durante um período de dez anos. Passado esse período inicial, as cidades e vilas da zona continuaram a trabalhar nos projectos do IBA.<sup>68</sup> O seu programa foi publicado em 1988 contendo um memorando que descrevia as directrizes do futuro projecto e convidando todos os grupos da sociedade que quisessem fazer parte daquele projecto. Desde 2000, depois do projecto IBA expirar, foram criados novos planos para completar os princípios iniciais que foram divulgados, com os novos requisitos do século XXI. Estas novas intervenções foram continuadas por uma entidade intitulada *Project Ruhr* e, se tudo correr bem a região ficará totalmente revitalizada até 2014.

A área de intervenção do *Emscher Landscape Park* estende-se por 70 quilómetros e engloba 300 quilómetros quadrados de terreno. Com o objectivo principal de melhorar a qualidade de vida dos habitantes da região, as restantes premissas passam por: preservar as remanescências da paisagem industrial, estabelecer uma ligação entre as áreas isoladas da aglomeração, definir limites das zonas de parques e fazer a manutenção e gestão dos novos espaços abertos. A IBA não é, desta forma, uma exposição igual a todas as outras, na medida em que o que tem para mostrar não se encerra num museu: habita “*pedaços da cidade, intervém*

---

<sup>68</sup> SELTMANN, Gerhard – Renaissance of na Industrial Region: Internationale Bauausstellung Emscher Park – achievements and future model for others. p. 2. [em inha]



Parque paisagístico de Duisburg-Nord  
Antiga mina de Zollverein. As linhas férreas de outrora são agora caminhos ao longo do parque.  
Planta do parque de Duisburg-Nord.



nos 'brownfields', tornando-se uma exposição habitável e que de itinerante nada tem."<sup>69</sup>

A incorporação deliberada da paisagem industrial permitiu às construções serem, hoje, relíquias remanescentes da arquitectura, explicando a história da região. Foi também importante para preservar a identidade e a sensação de lar aos moradores das cidades. Ao revitalizar estas zonas, não só se melhorava o envolvente dos produtos do processo industrial como também se poupava dinheiro ao reutilizar as infra-estruturas já existentes.

O parque, que foge à definição comum de parque verde urbano, é assim composto por áreas industriais agora revitalizadas, florestas revigoradas, e zonas recreativas que unidas oferecem um grupo coeso de infra-estruturas verdes. Os projectos que conceberam o sistema do parque variam desde caminhos para peões e bicicletas (130 quilómetros), reservas naturais, parques com vista sobre a região, parques com testemunhos históricos da região ou *buffer zones*<sup>70</sup> localizados entre o parques e as cidades envolventes com atractivos específicos para a população usufruir. As estruturas massivas que outrora estavam activas estão agora repletas de arte, cultura, comércio, habitação ou escritórios. As velhas estruturas de aço das fábricas servem para encenar espectáculos, as áreas relvadas completam-se com trilhos para caminhadas, e a partir das antigas colinas das pilhas de carvão criaram-se paredes para fazer escalada. Através das clareiras das árvores descobrem-se caminhos que ligam as várias partes do parque, ao longo de antigas estradas industriais e linhas ferroviárias.

De entre os 120 projectos apresentados e desenvolvidos, analisamos de seguida alguns exemplos.

---

<sup>69</sup> SILVA, Vasco Machado da – Revolução (Des)industrial: Museificar, Reutilizar e Converter. p.57.

<sup>70</sup> *Buffer zone* é uma área que se situa entre duas ou mais zonas, com o objectivo de as segregar ou de as unir. No contexto do trabalho, estas *buffer zones* funcionam como elementos de união entre as diferentes cidades da região do Ruhr, fazendo a ligação do enorme corredor verde.



A antiga fábrica de carvão e aço é o coração do parque de Dürrenberg-Nord.  
As paredes remanescentes de um antigo bunker servem agora para praticar escalada.  
*Piazza Metalica*

## LANDSCHAFTSPARK DUISBURG-NORD, Duisburg Nord, 2000

Este projecto – o Parque Paisagístico de Duisburg – foi concebido em 1991 pelos arquitectos Latz + Partner, com a intenção de curar a zona e dar a conhecer o passado industrial, ao invés de o rejeitar, afastando-se das tendências predominantes. Destruir as estruturas, a memória colectiva, seria “*apagar parte da história e identidade da região, transformando irremediavelmente a essência do lugar.*”<sup>71</sup> É um dos principais projectos realizados, principalmente devido à sua localização estratégica e o seu valor ecológico<sup>72</sup>, e por cumprir muitos dos principais objectivos do IBA. Este parque é um exemplo notável de como a paisagem pode ser moldada pela indústria, e situa-se entre dois bairros periféricos de Duisburg. O coração do parque é uma antiga fábrica de carvão e aço, abandonada em 1985, que assume o papel de relíquia arquitectónica e de recurso para diferentes actividades de lazer, que os visitantes podem explorar e admirar-se, inevitavelmente, com a força e destreza exigida aos operários que outrora lá trabalhavam.

Partindo do estudo das condições existentes foram criadas fronteiras que acabariam por definir as diferentes áreas do parque. Criando simultaneamente uma divisão e uma ligação entre elas estão cursos de água e trilhos, que foram colocados de acordo com as antigas linhas ferroviárias e o sistema de esgotos. Dentro do complexo principal, os arquitectos criaram espaços para uma série de jardins mais privados e transformaram os antigos tanques de gás em piscinas para mergulhadores. As paredes de betão são agora usadas para fazer escalada e a zona central da antiga fábrica de aço foi transformada numa praça. Podemos assim

---

<sup>71</sup> CUNHA, Hugo – A Ecologização da Arquitectura: A Estratégia Ecológica no Caso IBA Emscher Park. p. 154.

<sup>72</sup> Ibidem. p. 152.





*SinterPark.*  
À noite a antiga fábrica ilumina a zona.  
Panorâmica do parque de Duisburg-Nord.

identificar alguns dos pequenos parques constituintes deste grande sistema, cada um com o seu carácter único, tornando-os em lugares inesquecíveis para quem os visita: o *Sinterpark*, com uma praça enorme e multifuncional usada para diversos eventos, os *Secret Gardens* escondidos nas antigas estruturas dos *bunkers*, o *Blast Furnace Park*, com plataformas de observação elevadas, as paredes de escalada, jardins privados e espaços públicos, ou a *Piazza Metallica*, que serve os eventos principais, num espaço de reunião cuidadosamente organizado com vestígios industriais de forma a definir um quadrado. O autor do projecto compara esta praça, que está rodeada por estruturas industriais gigantes, com uma praça renascentista, rodeada por palácios.<sup>73</sup> Para Peter Latz, foi importante dotar o parque com estas múltiplas referências, que os visitantes poderiam ou não captar: “*everyone who uses the park has a diferente park. Someone is coming to study old blast furnaces, and someone is coming to plant a small garden. Totally different.*”<sup>74</sup>

Conclusivamente, todas as remanescências industriais desta área foram reutilizadas para reintegrar uma realidade contemporânea. Uma das principais inspirações deste projecto foi a importância da memória; a ideia de um avô, que teria outrora trabalhado na fábrica, a explicar ao neto o que costumava fazer e para o que servia cada uma das máquinas.

Num artigo do *New York Times* de 2004, Arthur Lubow partilha uma comparação entre Peter Latz, projectista do parque de Duisburg-Nord, e o criador do *Central Park*, Frederick Law Olmsted. Enquanto este último pretendia um parque amplo, algo rural e tranquilo, que funcionasse como um contraste e uma protecção da agitação, o confinamento e a monotonia da divisão das ruas, Latz criou uma zona de lazer que é indubitavelmente feita pelo homem, e que se

---

<sup>73</sup> WEILACHER, Udo – *Syntax of Landscape: the Landscape Architecture of Peter Latz and Partners*. p. 126.

<sup>74</sup> LUBOW, Arthur – *The Anti-Olmsted* [em linha]





Zona de reunião e descanso, em Duisburg-Nord.  
Olga Park.  
Vista aérea do Gasómetro, em Oberhausen.

entranha nas comunidades vizinhas. Para ele, a paisagem “*is not the opposite of the town. Landscape is culture.*”<sup>75</sup>

“*When you look at something like Central Park, it's become an icon, ageless and timeless -- Prospect Park also. But they're just as much places with process and change going on as Fresh Kills or Duisburg-Nord*”, afirma Peter Latz. “*Now it is part of normal life, and nobody remembers how it started.*”<sup>76</sup>

Na zona de Duisburg podemos ainda observar a ocorrência de outras intervenções, como a regeneração do porto, onde os edifícios foram substituídos ou remodelados para servirem outras funções. Actualmente encontramos espaços culturais (como o *Grothe Museum*, da autoria dos arquitectos Herzog & de Meuron), áreas de recreio, habitação ou escritórios.<sup>77</sup>

#### OLGA PARK, Oberhausen, 1999

Este é outro exemplar da transformação de uma antiga paisagem industrial num parque paisagístico industrial. Englobando um total de 25 hectares, a sua construção iniciou-se em 1996 e o parque abriu oficialmente em 1999.<sup>78</sup> Na sua extensão podemos observar que caminhos e pontes ligam a zona construída ao corredor verde da região, e podemos encontrar um dos gasómetros mais conhecidos do mundo – *Gasometer Oberhausen*.

Este edifício, que era utilizado para armazenar o gás produzido pelos fornos da região, que fechou em 1988, tem cerca de 118 metros de altura e 68 metros de diâmetro.<sup>79</sup> Foi transformado num símbolo potenciador de cultura, com

---

<sup>75</sup> LUBOW, Arthur – The Anti-Olmsted [em linha]

<sup>76</sup> LATZ, Peter *apud* LUBOW, Arthur – The Anti-Olmsted [em linha]

<sup>77</sup> SCHLEIPEN, Dominik – IBA Emscher Park *in* Quaderns d'arquitectura I urbanisme nº 225: Las escalas de la sostenibilidad p. 113.

<sup>78</sup> LETHMATE, Gudrun; Spiering, Harald - Emscher Landscape Park - a new regional park in the Ruhr área. p. 47. [em linha]

<sup>79</sup> *Ibidem*. p. 118.





A antiga usina faz parte do Nordstern Landscape Park, e hoje é um edifício de escritórios.  
Locais de entretenimento e parques infantis visam atrair visitantes para o parque.  
Os vestígios industriais misturam-se com os elementos naturais.



espaço de concertos, exposições temporárias e teatro, permanecendo hoje um testemunho de uma outra época que parece presente e não passado.

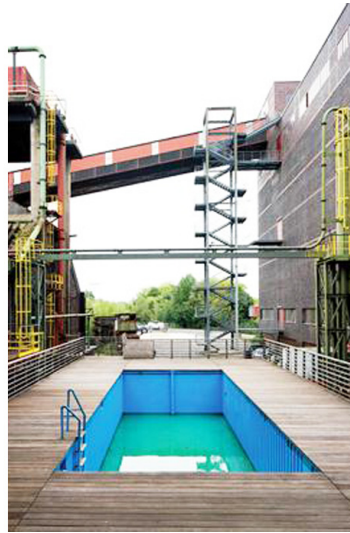
#### NORDSTERN LANDSCAPE PARK, Gelsenkirchen, 1997

Este parque, com cerca de 100 hectares, situa-se no sítio de uma antiga mina de carvão, mas não é por isso que deixa de ser tão atractivo como os exemplos anteriores; *“é um dos parques que mais se destacam na paisagem regional. Sua característica mais interessante está na ênfase que o projecto dá às formas e estruturas pré-existentes, tanto em termos de conservação, como de sua conversão a novos usos.”*<sup>80</sup>

É ainda notório o excessivo impacto que a presença da indústria teve na paisagem. Não há o cuidado em disfarçar a falta de harmonia estética ou de minimizar os lugares onde os vestígios do passado encontram os novos elementos; as diferenças não foram disfarçadas. As sinuosas torres e as minas insinuam-se na paisagem. A linguagem industrial é utilizada para destacar os eixos lineares e as linhas de água, por exemplo. Ao longo da sua extensão, o parque oferece passeios à margem do rio Emscher, pequenos parques infantis, equipamento desportivo, anfiteatro e até esculturas. Dois dos distritos da região são assim ligados através do desenvolvimento de novos elementos, e as áreas verdes conectam-se com a zona residencial. Os terrenos e os caminhos industriais são moldados de acordo com os vestígios da actividade industrial; as elevações formadas pelos montes de entulho resultantes das extracções e dos processamentos industriais, por exemplo, transformaram-se em desafiantes picos para praticar alpinismo. O facto de os marcos históricos continuarem vivos diminui a distância entre o passado e o presente, e apontam o caminho para o futuro do parque. Ao redor das zonas

---

<sup>80</sup> CASTELLO, Lineu – Da Sustentabilidade da Subjectividade: o Projeto IBA Emscher Park [em linha]



A antiga fábrica de classificação de carvão mantém a memória de outrora.  
A zona oferece aos seus visitantes diversas atrações, como os percursos pedonais.  
A paisagem engloba o passado e o futuro - ao longe, a recente Zollverein School of Design.

mineiras, foram desenvolvidos um complexo industrial e uma incubadora de empresas, bem com um pequeno anfiteatro, construído na margem do canal. Assistimos a intervenções de diversos artistas: entre eles Richard Serra, que criou a escultura *Bramme fur das Ruhrgebiet*.

#### ZOLLVEREIN COAL MINE, Essen, 1996

Inseridos na mancha verde da região do Ruhr encontram-se os antigos complexos das minas de carvão de Zollverein, que constituem um exemplo notável da evolução e do declínio da indústria dos últimos 150 anos. Foram conservados numa tentativa de preservar os testemunhos de uma das maiores indústrias da região, e desde 2001 que fazem parte da lista do património mundial. Sendo uma parte relevante do Emscher Park, Zollverein “*tornou-se um interface de natureza industrial e de cultura industrial, onde novas formas de desenho da paisagem e de arquitectura são testadas. (...) é um desses locais industriais inacessíveis que só poderia ser aberto ao público como parte do IBA Emscher Park.*”<sup>81</sup> A actividade do artista Ulrich Ruckriem foi fundamental, estimulando a mudança de percepção da zona como local de arte e natureza.<sup>82</sup> Na antiga sala das caldeiras encontramos agora o *Nordrhein- Westfalen Design Centre*, renovado pelo *atelier* de arquitectura Foster and Partners, e a mina de carvão é rodeada pela ‘Floresta da Indústria’, um parque natural onde os vestígios industriais se difundem entre a vegetação, intercalados por esculturas de Ruckriem.

Em 2002, o *Office for Metropolitan Architecture*, liderado por Rem Koolhaas, e os arquitectos Boll & Krabel, desenvolveram um centro económico e cultural que liga o Essen com a paisagem circundante. Desta forma, no interior da *Kohlenwasche* – a antiga fábrica de classificar o carvão – surgiram o *Visitors*

---

<sup>81</sup> M:AI - Zollverein World Heritage Site [em linha]

<sup>82</sup>SCHLEIPEN, Dominik – IBA Emscher Park *in* Quaderns d’arquitectura I urbanisme n° 225: Las escalas de la sostenibilidad. p. 121.



Exemplos de percursos que existem ao longo da extensão do Emscher Park.  
*Bramme für das Ruhrgebiet*, de Richard Serra.



*Centre*, o *Ruhrmuseum* e *the Metaform*.<sup>83</sup> Os novos programas foram adicionados ao edifício, mantendo a maquinaria original característica do antigo uso, preservando assim a memória dos objectos e também da actividade produtiva.

#### PARKWAYS EMSCHER LANDSCAPE PARK – Ciclovias

A inserção de mais pontos de interesse e acessos fáceis no ambiente industrial construído era o plano por detrás da criação das ciclovias e trilhos para caminhadas agora existentes no parque. De norte a sul, as ciclovias somam um total de 230 km, desde Duisburg até Bergkamen e os caminhos para passeios a pé têm cerca de 130 km.<sup>84</sup>

Provavelmente com base na ideia de que damos mais valor ao que é nosso e que é construído por nós, o projecto IBA integrou a população no desenvolvimento dos projectos, servindo assim de dinamizador de novas áreas de trabalho, e permitiu-lhes aprender o significado histórico da sua região, dos seus problemas e das suas vantagens. As dezassete comunidades que trabalharam unidas para o mesmo objectivo, juntamente com outras entidades, realizaram mais de 300 espaços abertos. A reciclagem dos espaços e edifícios industriais abandonados, ao invés da aplicação de modelos baseados em novos traçados ou novas manchas de ocupação, possibilitou uma cooperação entre profissionais de variados estudos, como economistas, arquitectos, ecologistas ou artistas, entre outros.

---

<sup>83</sup> Revista Area nº66: Save Energy. Power Plants Itineraries. p. 106.

<sup>84</sup> LETHMATE, Gudrun; Spiering, Harald - Emscher Landscape Park - a new regional park in the Ruhr área. p. 48. [em linha]

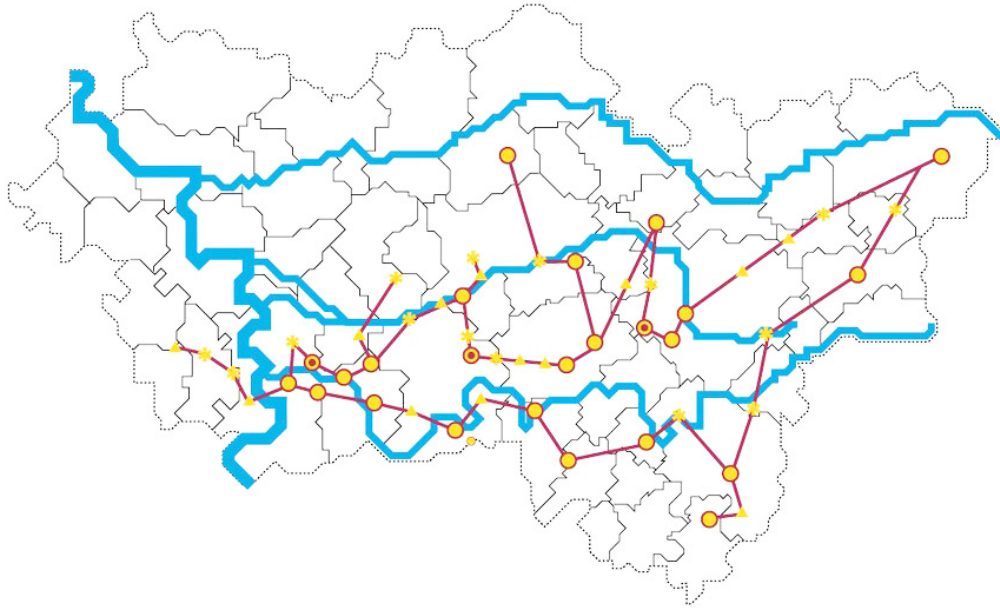


O projecto trouxe consigo novos investimentos, como a Zollverein School of Design, dos SANAA.  
O canal, que outrora transportava as águas residuais, agora limpo.  
Novo bairro habitacional de Küppersbusch, em Gelsenkirchen.

Agora, mais de vinte anos após o início do projecto, a zona oferece vários tipos de espaços verdes abertos diferentes, um sistema de ciclovias e trilhos para caminhadas, uma rota dos marcos e da natureza industrial (conservando a herança industrial). A área do Ruhr é uma das urbanizações mais verdes da Europa, graças ao desenvolvimento destes espaços, que formam parte da estrutura residencial da região. Um dos objectivos do IBA era o de revitalizar muitos dos distritos residenciais que se desenvolveram em torno das plantas industriais quando as fábricas surgiram. Através das estratégias de requalificação urbana, foi possível determinar as qualidades do seu desenvolvimento arquitectónico, e também inserir a arquitectura moderna, localizando novos imóveis em antigas propriedades industriais.

A paisagem entre as várias cidades tornou-se um dos símbolos da província, que começou a valorizar mais o lazer, a cultura, o desporto e o turismo. Os projectos tornaram-se atracções turísticas difundidos por toda a zona como um parque de diversões virtual. O presente potencial da zona foi descoberto por médias empresas e grupos de negócios internacionais. Desta forma, o número de postos de trabalho aumentou, o que provoca um crescente desejo ou necessidade nas pessoas de se deslocarem para a zona à procura de emprego. Graças a todos os factores anteriormente descritos, observou-se na zona um aumento da população.

Comparando o resultado actual com a opção de planeamento, demolição ou construção de novas estruturas, que certamente beneficiariam algum lucro privado, pode-se concluir que foi uma decisão reflectida e proveitosa. Feita a análise de alguns projectos de intervenção que integram o IBA Emscher Park, apercebemo-nos de um processo demorado, que exigiu um grande planeamento e estudos em disciplinas distintas. O envolvimento da comunidade no processo e a realização de um concurso de ideias, permitiu uma maior divulgação dos problemas e das soluções possíveis. A preservação, reutilização ou renovação dos testemunhos industriais da zona apela à memória afectiva dos moradores,



Rota da Cultura Industrial.  
Local do Gas Works Park, em 1966.



aumentando o nível de iniciativa local. A revitalização das áreas que se encontravam descaracterizadas, com inserção de novos programas e áreas públicas verdes, possibilitou uma evolução em termos económicos, sociais e demográficos.

O projecto IBA Emscher Park é um caso excepcional, é um “*exemplo excelente de uma operação integral a todas as escalas com múltiplas esferas de actuação.*”<sup>85</sup> É possível percebermos que o carácter transformador deste projecto é impressionante: não só foi conseguida uma limpeza gradual da contaminação pós-industrial e uma revitalização da zona, mas também – e não menos importante – se conseguiu imprimir no espírito dos residentes um espírito pró-activo e de preservação do seu passado histórico. Os objectivos não se basearam só na renovação do território e na preservação dos monumentos industriais, mas também na essencial transformação funcional das complexas estruturas da paisagem, provendo-as de um certo grau de imprevisibilidade.<sup>86</sup> “*One crucial difference lies in viewing landscape as a complex structure of meaning and information strata, requiring a complex approach to the design.*”<sup>87</sup>

Avaliando as principais consequências deste projecto, podemos perceber que foi um importante estimulador de uma nova vida na região do Ruhr, através de uma renovação económica, estética e ecológica. A população local pôde continuar a trabalhar e viver na zona onde cresceram, mantendo uma ligação com os lugares que outrora os seus parentes exploraram. A nível arquitectónico, conservou-se e revalorizou-se o património industrial presente, atribuindo-lhe novas funções.

---

<sup>85</sup> SCHLEIPEN, Dominik – IBA Emscher Park in *Quaderns d’arquitectura i urbanisme* nº 225: Las escalas de la sostenibilidad p. 111. [trad. livre]

<sup>86</sup> WEILACHER, Udo – *Syntax of Landscape: the Landscape Architecture of Peter Latz and Partners*. p. 107.

<sup>87</sup> *Ibidem*. p. 109.



Gas Works Park, em Seattle.  
Vista aérea da área da Expo'98 antes das obras.  
Após o encerramento da Expo, alguns espaços foram mantidos e outros foram substituídos.

É notório que do ponto de vista da escala, este projecto quase não pode ser comparado a nenhum outro; a nível museológico há alguns exemplos, como o *Gas Works Park*, em Seattle.<sup>88</sup> Em território nacional, podemos encontrar (pelo menos) um exemplo que se assemelha ao projecto desenvolvido no vale do *Ruhr*, tendo em conta o seu carácter de ‘museu’: a antiga chaminé da Petrogal, no Parque das Nações. Este último, construído em 1998 no âmbito da Exposição Internacional (e então denominado EXPO’98), apresenta-se talvez como uma das intervenções portuguesas de maior sucesso. Com a desindustrialização, esta paisagem ribeirinha oriental de Lisboa tornou-se uma colecção de fábricas e armazéns abandonados. Para além de ser criada uma Exposição, houve a possibilidade de revitalizar uma zona obsoleta da cidade, oferecendo uma nova centralidade à capital.<sup>89</sup> Actualmente, presenciamos uma zona saudável, cujo projecto urbano concretizado revalorizou a relação entre a cidade e o rio, recuperou o ambiente e a paisagem, reconverteu o abandonado em útil, ligou a cidade existente à recente: o desfecho que infelizmente seis anos antes não se verificou em Sevilha.<sup>90</sup> Na porta sul do Parque, observamos a presença de um ícone que fazia parte de uma realidade passada: a chaminé de *cracking* da Petrogal. Agora recuperada, segundo um projecto de Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, a chaminé possui um grande simbolismo, aludindo à “memória afectiva”<sup>91</sup> da antiga zona industrial. No seu conjunto, a chaminé e o seu envolvente mais próximo, igualmente desenhado, impõem-se pelo seu carácter cénico.

---

<sup>88</sup> O *Gas Works Park*, em Seattle, foi criado no local de uma antiga refinaria de produção de gás que deixou de funcionar em 1956. A área consistia nas ruínas da fábrica e numa zona ecologicamente muito poluída. Hoje em dia o parque apresenta uma simples zona de lazer, com a ruína industrial a marcar presença, como marco histórico. in WEILACHER, Udo – *Syntax of Landscape: the Landscape Architecture of Peter Latz and Partners*. p. 108.

<sup>89</sup> SILVA, Vasco Pinto da – *Revolução (Des)Industrial: Museificar, Reutilizar e Converter*. p.47.

<sup>90</sup> Idem.

<sup>91</sup> Ibidem. p.51.



Chaminé da Petrogal, que permaneceu como memória do local.

Ambos os planos – o realizado na capital portuguesa e o que (ainda) está a ser executado no Vale do Ruhr – surgiram no âmbito de uma exposição e a revitalização do espaço foi feita com sucesso. A diferença mais sentida entre os dois é o facto de, em Lisboa, apenas um elemento se afirmar como património, enquanto que no Ruhr todos os testemunhos industriais foram conservados ou reutilizados; a intervenção partiu do património, e não do propósito de o substituir.





Construção da linha elevada, na Gansevoort Street.  
*St. John's Park Terminal.*

## HIGH LINE PARK, Nova Iorque

*“A conjugação de esforços de pessoas com formações diversas, que podem intervir em diversos níveis do património, é o único garante [a] sua preservação, [a] sua revitalização, e [a] sua incorporação na memória colectiva.”<sup>92</sup>*

Inaugurado em Junho de 2009<sup>93</sup> (primeira fase), em Nova Iorque, o parque urbano linear *High Line* é um dos espaços públicos mais comemorados e mais visitados da cidade, desde que estreou. É considerado uma referência mundial pela qualidade do seu desenho urbano e pelo sucesso que alcançou como estratégia de renovação de áreas obsoletas e degradadas.

---

<sup>92</sup> MATOS, Ana Cardoso de; Ribeiro, Isabel Maria; Santos, Maria Luísa – Intervir no Património Industrial: das experiências realizadas às novas perspectivas de valorização. *apud* SAMPAIO, Maria da Luz – Actas do Colóquio de Museologia Industrial: Reversão de Musealização de Espaços Industriais. p. 26.

<sup>93</sup> POGREBIN, Robin – First Phase of the High Line Is Ready for Strolling [em linha]





A linha elevada atravessa os edifícios. Aqui, vê-se a National Biscuit Company.  
O High Line em claro estado de abandono, antes da reconversão.  
Um mural transmitia a mensagem de que era preciso salvar a estrutura.

A linha elevada foi construída em 1930, à procura de uma solução para a diminuição do grande número de acidentes que acontecia entre comboios ao nível térreo desde os anos 50 do século XX.<sup>94</sup> No total o projecto tinha cerca de 21 quilómetros, substituindo as 105 linhas existentes até então no terreno, e custou na altura 150 milhões de dólares (cerca de 115,3 milhões de euros). Quando a linha abriu em 1934, fazia a ligação da *34th Street* até ao terminal de *St. John's Park*, na *Spring Street*. De forma a evitar as condições negativas associadas às linhas ferroviárias elevadas, foi projectado para passar por entre os edifícios em vez de passar por cima das avenidas. Estabelecia a ligação entre fábricas e armazéns, entrando directamente nalguns deles.<sup>95</sup>

Com a evolução dos transportes rodoviários entre diferentes estados, o tráfego ferroviário diminuiu, não só a nível nacional como, mais especificamente, no *High Line*. Consequentemente, nos anos 60, a já então desnecessária secção Sul da linha foi destruída, e no início da década de 80 a circulação acabaria por terminar. Alguns anos mais tarde, um grupo formado por proprietários dos terrenos inferiores à linha, tenta que a estrutura seja demolida. Enquanto uns ansiavam por assistir à sua eliminação, outros enfrentaram as tentativas para a demolição e tentaram reestabelecer o serviço ferroviário.

Perante este cenário, em 1999, quase vinte anos após o seu encerramento, os arquitectos Joshua David e Robert Hammond, na altura completamente desconhecidos, reuniram-se para discutir o futuro do *High Line*. Algum tempo depois, fundaram, juntamente com um grupo de moradores da zona, a ONG *Friends of the High Line*, com o objectivo de renovar a estrutura abandonada, dotando-a de áreas verdes e passeios, de forma semelhante à *Promenade Plantée*<sup>96</sup>, em Paris. Após um elaborado estudo, levado a cabo pelos 'amigos do High Line' e

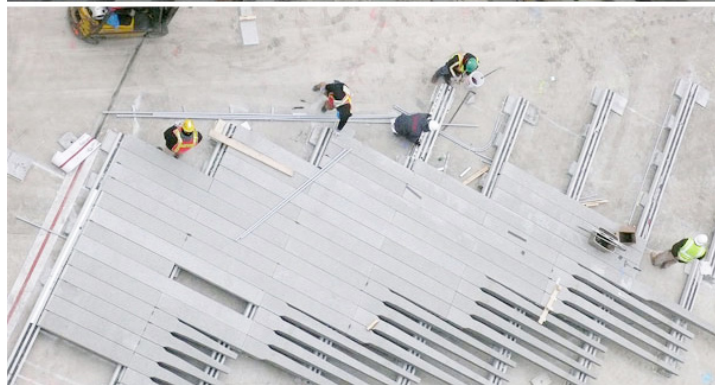
---

<sup>94</sup> DAVID, Joshua - Reclaiming the high line. p.12

<sup>95</sup> The High Line Official Web Site [em linha]

<sup>96</sup> CORSINI, José Maria – Diseño Urbano: accesibilidad y sostenibilidad. p. 135





Montagem das placas de betão.  
Introdução das espécies vegetais.

pelo *Design Trust of Public Space*, é estabelecido um plano para proceder à reutilização e preservação da estrutura. À medida que as ideias aumentavam, crescia também a comunidade apoiante desta transformação e, em 2004, os governantes da cidade de Nova Iorque cederam 50 milhões de dólares (cerca de 38,5 milhões de euros) para a concretização do projecto.<sup>97</sup> A solução adoptada resultou da realização de um concurso de ideias, no qual participaram cerca de 720 equipas de 36 países diferentes, e do qual foi seleccionado o conceito da *James Corner Field Operations*, uma firma de arquitectura paisagista, e do *atelier* de arquitectura *Diller Scofidio + Renfro*, que posteriormente se juntaram a profissionais de variadas áreas, como horticultura, engenharia, segurança, manutenção, e arte pública, entre outras.

Em Abril de 2006 começaram oficialmente as construções na secção 1<sup>98</sup> da linha, que numa primeira fase se basearam no mapeamento e marcação das faixas, e na remoção de restos que eram inúteis para renovação da linha e, em 2008, a construção paisagística inicia. A secção 1 do parque abre então a 9 de Junho de 2009, e a secção 2<sup>99</sup> viria a inaugurar dois anos mais tarde, em Junho de 2011 (uma terceira fase está ainda por completar).

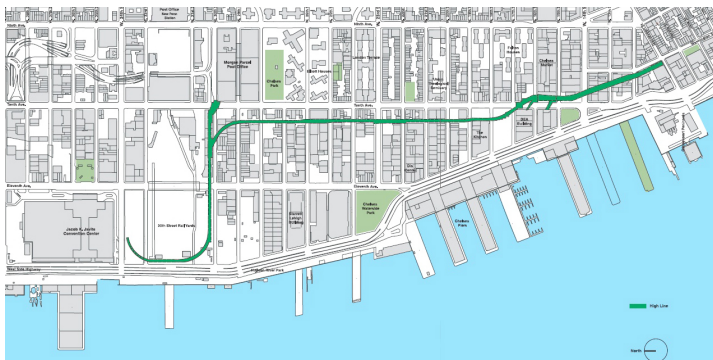
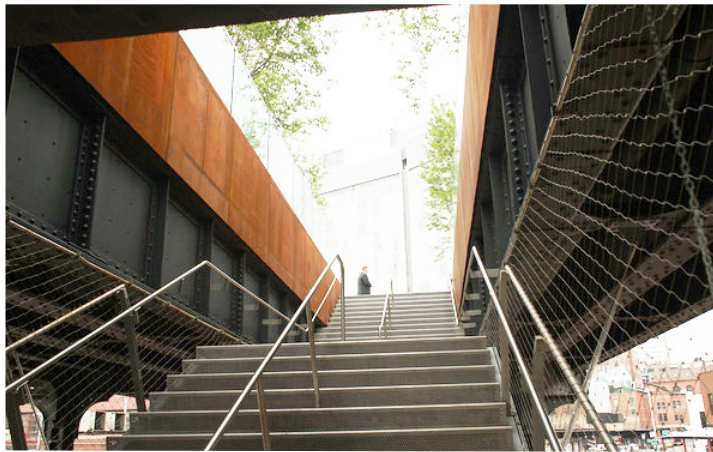
De forma a iniciar a reconversão da estrutura, foram removidos os carris de aço (ao mesmo tempo que eram marcados e mapeados, para mais tarde muitos deles serem repostos), bem como vários outros detritos; esta acção permitiu a percepção das pequenas reparações que necessitava. Embora no geral a estrutura seja estável, houve pequenos arranjos a fazer, como a impermeabilização do aço e do betão e a instalação do sistema de drenagem. Após a preparação da estrutura, iniciou-se a fase de construção da paisagem do parque.

---

<sup>97</sup> DAVID, Joshua - Reclaiming the high line. p.7.

<sup>98</sup> A Secção 1 do *High Line* compreende a parte da linha situada entre *Gansevoort Street* e a *West 20th Street*.

<sup>99</sup> A Secção 2 do *High Line* compreende a parte da linha situada entre a *West 20th Street* e a *West 30th Street*.



A placa de betão eleva-se do chão, formando um banco.  
Esta entrada para o parque “rasga” a linha no seu eixo central.  
Planta que mostra a extensão da linha elevada.  
A população utiliza o parque para fazer os seus trajectos a pé.



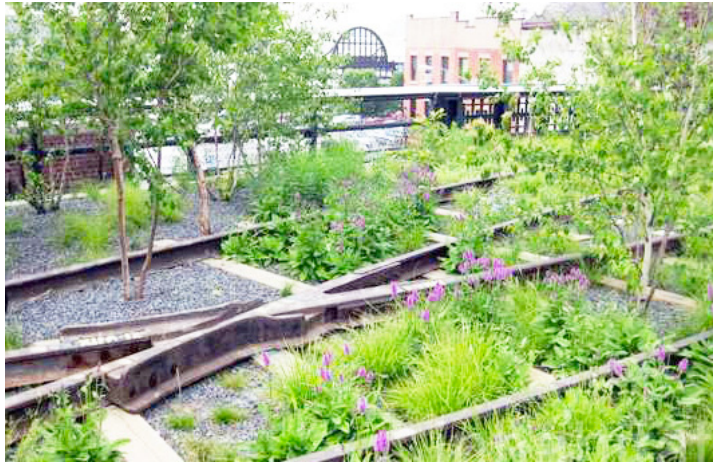
Onde outrora existiam vagões de carga, hoje existe um parque urbano reclamado pela comunidade nova-iorquina, que surgiu de uma reutilização e reconversão, aplaudida por todos os que por lá passam. Os percursos do parque são constituídos por peças lisas de betão, que apresentam juntas entre si – detalhe que permite a distribuição do fluxo de água para irrigação. Em várias zonas, foram deixadas as antigas linhas da ferrovia, lembrando o antigo uso da estrutura, e entre as quais, pontualmente, são inseridas áreas plantadas. Ao longo do trajecto encontramos diversos pontos de paragem e de descanso, materializados através de bancos e espreguiçadeiras que deslizam sobre os carris. A variedade de oferta destes elementos, possibilita-lhes várias disposições no espaço: em pontos de encontro, de paragem ou em miradouros. Em certos sítios do parque, podemos reparar que as placas de betão se elevam do chão, servindo de banco ou mesa para os utilizadores, ou como uma barreira de protecção para as espécies vegetais.

A iluminação é feita por lâmpadas auto-suficientes, colocadas abaixo do nível dos olhos, de forma a iluminar o caminho, mas também para as pessoas se habituarem às luzes da cidade. Na parte inferior da linha, foi também colocada iluminação, de modo a clarear a calçada ao nível térreo. Relativamente aos elementos verdes presentes no novo parque, foram criteriosamente seleccionadas espécies de viveiros da costa Leste dos Estados Unidos, e erguem-se na paisagem artificial existente. Os canteiros e as placas de betão encaixam uns nos outros, criando uma passagem gradual das zonas de passeio, duras e maciças, para as zonas de vegetação, com um carácter mais suave e agradável. Em certos pontos do parque, a vegetação é tão viçosa que chega a esconder a cidade. O pavimento está preparado para receber variados usos, em pontos específicos. Esta combinação de elementos orgânicos com materiais foi denominada de “agri-tectura”<sup>100</sup>.

O acesso ao parque é feito através de escadas ou elevadores e, pontualmente, encontramos escadarias que nascem no nível da calçada e terminam

---

<sup>100</sup> Revista a+t – The High Line, Phase I. p.104.



Os elementos verdes misturam-se com os materiais rígidos.  
É notório o contraste entre a circulação no nível térreo e o parque verde urbano.  
O parque tornou-se numa galeria de arte ao ar livre.  
Pintura. | “Teatro urbano” com vista para a rua.



no piso da estrutura, permitindo aos visitantes entrarem a meio do eixo da linha, observando as vigas de aço da construção durante a subida; sempre que possível o acesso é feito de modo a manter um contacto íntimo com a estrutura histórica. Os pontos de acesso são pensados como experiências extensas de aproximação e descoberta, ligando áreas de actividade urbana do nível térreo, ao *High Line* em cima. São intencionalmente lentos, de forma a prolongar a experiência de transição do abandono do ritmo inquieto das ruas, para a procura de um ritmo mais calmo, exclusivo do parque urbano superior.<sup>101</sup> Devido ao facto de ser um percurso longo, há um reforço da ideia de que o parque é uma passarela, destinado a ser percorrido de uma ponta à outra, da mesma maneira que a calçada de Nova Iorque.

O *High Line* contempla assim a integração visual e qualitativa do maciço e do suave, do industrial e orgânico, do natural e do artificial. A extensa área urbana verde convive pacificamente com a cidade de betão. Sem sinal de carros nem de bicicletas, é possível passear e desfrutar da cidade, atravessando três bairros diferentes, agora unidos, que antes do projecto ser realizado estavam desconectados. A nova paisagem do *High Line* é marcada pela demora e pela distração, contrastantes da vida agitada que se observa no nível térreo, e pelo carácter selvagem conseguido com a existência de vegetação variada, transmitindo a sensação de estarmos num sítio diferente.

*“Providing flexibility and responsiveness to the changing needs, opportunities, and desires of the dynamic context, our proposal is designed to remain perpetually unfinished, sustaining emergent growth and change over time.”*<sup>102</sup>

De facto, o recente parque urbano nova-iorquino criou uma resposta à evolução das necessidades, oportunidades e desejos da sociedade actual. Devido ao facto de passar por entre os edifícios, o percurso do *High Line* tornou-se aliciante

---

<sup>101</sup> Revista a+t – The High Line, Phase I. p.106.

<sup>102</sup> Idem.



Antes e depois do *High Line*.  
A linha elevada passa por debaixo do *Standard Hotel*.  
O *High Line* assemelha-se a uma *passerelle*.

para formas de *voyeurismo*. Em virtude do fluxo de pessoas que todos os dias passeiam pelo parque, era de esperar que se tornasse, como se tornou, uma galeria ao ar livre. Da mesma forma que a *Promenade Plantée*, a revitalização da área urbana em redor do parque nova-iorquino tem evoluído nos últimos anos. “*To come back 10 years later to this whole transformation is really amazing. Just the ripple effect it’s had on the community (...)*”<sup>103</sup>

O parque urbano recebe cerca de 4 milhões de visitas anualmente, dos quais cerca de metade são turistas.<sup>104</sup> E muitos são os turistas que gostam de deixar a sua opinião, como um *blogger* que afirma que “*não [sabe] se os criadores do parque imaginavam que a ideia faria tanto sucesso. Hoje o High Line já é uma atracção turística mainstream. E é, sem dúvida, a melhor introdução ao charme de Downtown para quem só imaginava que existisse a Nova Iorque de Times Square e Central Park.*”<sup>105</sup>

Após a sua inauguração, a construção de habitação na zona aumentou, assim como o surgimento de novos hotéis, lojas, galerias de arte ou restaurantes, e o valor dos terrenos adjacentes à estrutura elevou. Face a este desenvolvimento, cresceu também a empregabilidade na zona; para além dos 8000 postos de trabalho de construção que o próprio *High Line* gerou, o recente desenvolvimento das áreas envolventes originou mais 12000.<sup>106</sup>

O parque é actualmente reconhecido como um recurso importante para a cidade. É um “evento urbano” que opera em diversas escalas, trazendo consigo uma nova forma de olhar para a cidade, um conector de bairros e habitantes anteriormente desagregados, um espaço verde imprescindível para a vizinhança

---

<sup>103</sup> HAMMOND, Robert *apud* MARSHALL, Virginia R - Creator Discusses High Line Park’s Unlikely Success. [em linha]

<sup>104</sup> BANERJI, Robin - New York’s High Line: Why cities want parks in the sky. [em linha]

<sup>105</sup> Idem.

<sup>106</sup> MCGEEHAN, Patrick - The High Line Isn’t Just a Sight to See; It’s Also an Economic Dynamo *in* The New York Times. [em linha]





Novos investimentos surgiram na zona após a reconversão da linha.  
Local de descanso.  
O parque verde recebe milhões de visitantes por ano.

local, ou um novo exemplo de “ecologização” do ambiente urbano.<sup>107</sup> A transformação de uma antiga relíquia industrial tornou-se numa oportunidade única, devolvendo à cidade de Nova Iorque um espaço público aberto espantoso. É um modelo excepcional de conservação, de reutilização e regeneração urbana.

Mas a história do *High Line* não fica por aqui; há cada vez mais cidades em todo o mundo a inspirar-se neste exemplo de requalificação urbana. Um dos pioneiros do projecto, Robert Hammond, deseja que o que foi feito pelo High Line inspire outras pessoas a terem uma iniciativa, e façam algo de bom e permanente pela sua comunidade.

*“I realized right after we opened it that there were all these people holding hands on the High Line ... New Yorkers don’t hold hands. We just don’t do that outside (...)”*<sup>108</sup>

Através da experiência física pessoal de visitar este parque verde, apercebemo-nos que cada visitante se sente confortável, como um *new yorker*, e é muito agradável usufruir de um espaço calmo e resguardado no centro de uma cidade excessivamente movimentada e ruidosa. É interessante observar o seu visual contemporâneo, os elementos originais da estrutura a tecerem uma relação harmoniosa com o betão e os novos elementos verdes. Ao percorrer o seu longo percurso temos a sensação de atravessar diversos cenários, o que pode tornar a experiência diferente a cada visita. É também notório que as áreas abrangidas pela linha elevada apresentam uma nova vida activa. O *High Line* constitui uma excelente prova de que uma estrutura reabilitada e transformada tem o potencial para unir comunidades, despertar a actividade económica e melhorar as condições

---

<sup>107</sup> The High Line. Org – The High Line. [em linha]

<sup>108</sup> HAMMOND, Robert *apud* MARSHALL, Virginia R - Creator Discusses High Line Park’s Unlikely Success. [em linha]



*Promenade Plantée, Paris, França.*

A estrutura, agora parque verde, surge como alternativa às ruas agitadas da cidade.  
Extensão da linha, com destaque para o Parque Hector Malot.



urbanas para os cidadãos; consequências que também se fizeram sentir na região do Ruhr, depois da realização do IBA Emscher Park.

Se tivesse sido demolido em vez de reconvertido, o que seria hoje aquela zona da cidade? *“If the structure is destroyed, its rail easement will also be destroyed, as will the myriad transportation and open-space opportunities that the easement represents. These transportation and open-space opportunities could never be recreated in today’s real estate market.”*<sup>109</sup>

Como foi referido anteriormente, já existem algumas intervenções semelhantes a esta realizada no *High Line*, como *Stone Arch Bridge* (1994), em Minneapolis, no estado do Minnesota, ou a *Promenade Plantée* (1995), na capital francesa, ambas construídas e utilizadas antes do parque estudado. Este último é um parque contínuo, construído numa linha férrea elevada abandonada, e surgiu naquele que é um dos mais velhos bairros operários da cidade. O objectivo da reutilização da antiga estrutura férrea foi o de criar novos espaços públicos abertos no coração da cidade, inserindo elementos verdes. Posteriormente têm surgido, anexados a ele, novos parques verdes urbanos, que conectam zonas mais velhas e díspares da cidade a este corredor verde.<sup>110</sup> Com cerca de 5 quilómetros de extensão, o parque francês pode ser dividido em várias secções distintas, de forma semelhante ao *High Line*. Uma destas secções, o *Viaduct des Arts*, ocupa cerca de 120m da antiga estrutura industrial. A área por baixo do viaduto, que compreende uma extensão de cerca de 60 arcos, foi restaurado pelo arquitecto Patrick Berger e hoje são espaços que são alugados por lojistas e artesãos locais. O comércio e os passeios atraem os residentes e os turistas para o início do parque, onde surgiu o Parque Hector Malot, um espaço público verde que proporciona aos visitantes um

---

<sup>109</sup> DAVID, Joshua - Reclaiming the high line. p.7.

<sup>110</sup> CORSINI, José Maria – Diseño Urbano: accesibilidad y sostenibilidad. p. 135



Zona de descanso com vista para a cidade.

local de recreio e relaxamento. O percurso ao longo do parque oferece uma variedade de plantações.

De forma semelhante ao *High Line*, o parque linear francês oferece um abrigo ao ruído e à confusão do nível térreo, e permitiu o surgimento de investimentos ao longo da linha, bem como de novos parques, que para além de funcionarem como espaços de lazer, fazem a ligação entre o nível inferior e o superior.

Apesar de ser um caso de sucesso, a *Promenade Plantée* não teve o mesmo impacto que o parque nova-iorquino. O processo de reconversão que este último sofreu, desde a luta pela sua manutenção, passando pelo concurso de ideias e chegando ao que é hoje, inspirou vários artistas um pouco por todo o mundo, e vêem-se cada vez mais estruturas obsoletas a obterem uma aparência renovada, contemporânea, e cada vez mais estes casos correspondem a novos espaços verdes urbanos.



Localização do Jardim, no centro de Sidney.  
A intervenção insere-se numa zona de vida social agitada.

## PADDINGTON RESERVOIR GARDENS, Sidney

*“Evincing the memory of the city within the newly relevant use should not be underestimated. The erasure of built history locks a city down into eternal immaturity. Humans need to be able to read their history and their contemporary culture aggregated in their surroundings.”<sup>111</sup>*

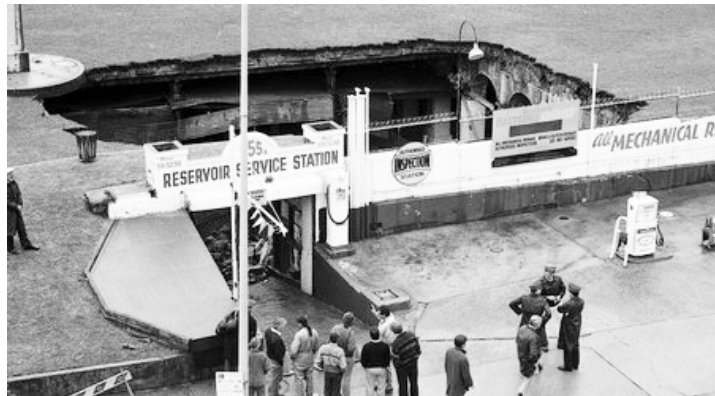
Situado nos subúrbios da cidade de Paddington, em Sidney, este antigo reservatório de águas é considerado um local de grande significado patrimonial. De uma ponta à outra, a rua onde se insere – a Oxford Street – é reconhecida por oferecer o melhor da moda australiana, com uma mistura de criatividade e sofisticação. Esta condição, juntamente com o facto de ser uma das principais vias que faz a ligação da zona suburbana Este de Sidney à zona central da cidade, faz dela uma rua bastante “movimentada e ruidosa”.<sup>112</sup> Os Jardins do Reservatório de

---

<sup>111</sup> World Buildings Directory – Paddington Reservoir Gardens. [em linha]

<sup>112</sup> WANG, Lily – Babylon Reborn: Sydney’s Paddington Reservoir Gardens.[em linha]





Desabamento da cobertura do reservatório, em 1990.  
Estrutura que restou após a demolição da cobertura.  
O acesso ao parque verde faz-se por escadarias, que ligam o nível do mesmo ao nível da rua.  
*Jardim Walter Read Reserve.*



Paddington surgem como uma surpresa, afundados em relação à calçada da rua, oferecendo um descanso momentâneo da confusão da rua agitada.

O reservatório foi originalmente construído em 1866, e numa segunda etapa em 1878. As câmaras de água que possui situam-se abaixo do nível da rua, e na sua cobertura foi construído um parque relvado, aberto em 1930. Nos finais do século XIX, em 1899, o reservatório deixou de ser usado para esse fim, passando a ser utilizado como uma oficina e garagem, até ao desabamento da cobertura, em 1990.<sup>113</sup> Depois deste acontecimento, o lugar foi ocupado por gatos selvagens, e as paredes interiores da estrutura foram cobertas de *graffitis*. A partir desta data, a estrutura esteve abandonada, até o município decidir que era altura de actuar.

Quando os arquitectos foram designados para o projecto de reconversão do reservatório, este encontrava-se à beira do colapso. Agindo contra as expectativas: ao invés de demolirem o antigo reservatório de Paddington, os arquitectos TGZ (*Tonkin Zulaikha Greer Architects*) e os JMD Design (*James Mather Delaney Design*) decidiram manter as ruínas, de forma a dar um sentido temporal ao espaço. Numa atmosfera de colaboração, cada *atelier* desempenhou o seu papel, detendo ambos o mesmo peso conceptual durante o projecto. À primeira vista, este recente parque urbano pode ser subestimado, devido ao facto de se parecer apenas com uma ruína esquecida no tempo, mas uma vez observado e percorrido, é um jardim surpreendente.<sup>114</sup>

De forma a assegurar que era segura para o público a visitar, a estrutura original foi reforçada e o jardim superior foi extraído, dando lugar a uma nova cobertura de betão que assentou sobre as abóbadas de tijolo existentes, completando o sistema de drenagem.<sup>115</sup> A terra foi substituída, e uma camada ajardinada ligeiramente inclinada surgiu na cobertura, do lado direito do parque.

---

<sup>113</sup> TZG Architects Page – Paddington Reservoir Gardens. [em linha]

<sup>114</sup> WANG, Lily – Babylon Reborn: Sydney’s Paddington Reservoir Gardens. [em linha]

<sup>115</sup> TZG Architects Page – Paddington Reservoir Gardens. [em linha]



OXFORD STREET



Sala oriental, onde são visíveis os *grafittis*.

Planta do jardim.

Pormenores da estrutura remanescente.

Vista aérea da zona descoberta do *Paddington Reservoir Gardens*.

Este jardim foi denominado de *Walter Read Reserve*, em homenagem a um antigo presidente da câmara de Paddington. Do lado ocidental nasceu também um jardim, com dimensões relativamente mais pequenas, dando lugar à *John Thompson Reserve*, que deve o seu nome ao poeta e jornalista fundador da *Paddington Society*.<sup>116</sup>

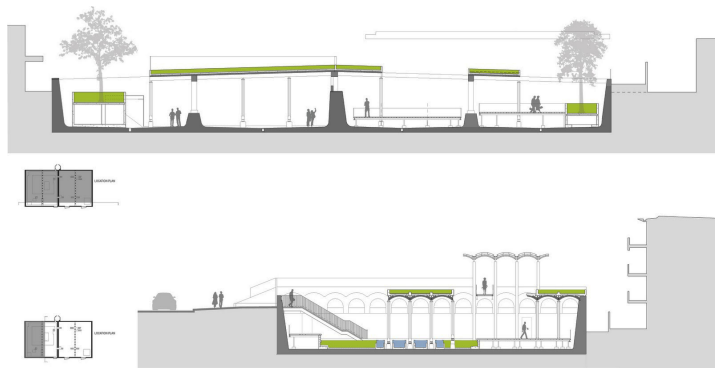
No piso inferior, por baixo da cobertura relvada, a câmara oriental foi conservada e é agora usada para actividades culturais e comunitárias, como por exemplo, acolher pequenos mercados, exposições temporárias ou festivais de cinema e/ou de arte. Ao longo das suas paredes podemos observar os *graffitis* desenhados anteriormente, e a iluminação única do espaço faz sobressair as novas carpintarias e a nova pedra usada nos pilares do reservatório.<sup>117</sup>

A sala do outro reservatório, a Oeste, agora sem cobertura, foi convertida num jardim. Este novo parque verde oferece aos seus visitantes a comunhão entre o artificial e o natural; uma pequena zona relvada, bem como canteiros de plantas e flores e até um pequeno lago ao centro, convivem com as ruínas do século XIX. A presença da água no jardim funciona como uma lembrança da antiga função daquele espaço. Os passeios, construídos com placas de betão pré-moldado, foram inseridos dentro da ruína da antiga câmara e rodeiam as áreas plantadas e o lago, apresentando-se elevados relativamente ao piso do antigo reservatório. Por cima do jardim aberto, um passadiço de betão faz a ligação entre as duas zonas relvadas: a *John Thompson Reserve*, na rua ortogonal à Oxford Street, e a *Walter Read Reserve*. Do nível superior são perceptíveis, à volta do perímetro, as coberturas plantadas sob o espaço do jardim. O parque proporciona uma variedade de espaços, cada um com uma riqueza histórica, textura e qualidades ambientais próprias.

---

<sup>116</sup> HAMILTON, Jen – Water Wonderland. p. 10. [em linha]

<sup>117</sup> TZG Architects Page – Paddington Reservoir Gardens. [em linha]



Cortes transversal e longitudinal do projecto.  
A água permanece no local, memoriando o antigo uso da estrutura.

As entradas no parque urbano estão assinaladas por coberturas metálicas de forma abobadada; aquelas que conduzem ao piso do antigo reservatório, são feitas por meio de lances de escadas metálicas, dando uma acesso directo ao jardim ao ar livre, e a outra conduz os visitantes até à sala dos *graffitis*.

O conceito para a reconversão do edifício histórico estava escondido na própria estrutura edificada; ao manter as ruínas, os arquitectos conseguiram estabelecer uma ligação entre o passado e o contemporâneo. Através da conservação da materialidade original do espaço, constituída por elementos de tijolo, madeira e ferro, e integrando novos materiais como o aço, o alumínio e o betão, foi conseguido um parque urbano que mantém a sua identidade histórica, a sua memória urbana inerente, e simultaneamente oferece à cidade um espaço aberto de lazer, que “*expressa a maturidade da cidade moderna.*”<sup>118</sup>

---

<sup>118</sup>World Buildings Directory – Paddington Reservoir Gardens. [em linha]





## .CONSIDERAÇÕES FINAIS.

É na cidade que vivemos as consequências, boas ou más, das rápidas metamorfoses que a civilização tem vindo a sofrer nas últimas décadas. É imperativo, com o desenvolvimento dos aglomerados urbanos, que se considerem intervenções efectivas no território abandonado, a fim de revitalizar essas áreas perdidas da cidade. Apesar de se estar a recuperar e conservar um testemunho do passado, esta prática reflecte e projecta desenvolvimentos para o futuro. No entanto, sendo impossível prever o futuro das cidades, ou mesmo elencar e antecipar as abordagens perfeitas para cada uma, o processo a seguir deve ser o de estudar as tendências, compreendendo os caminhos já percorridos, e de monitorizar os problemas decorrentes, que lhes ficaram associados.

A experiência adquirida durante os anos de Mestrado foi fundamental para a concretização deste trabalho, principalmente a visita ao *High Line* e o estudo de áreas industriais abandonadas, em Coimbra, no decorrer da cadeira de Projecto V. A zona estudada abrangia uma fábrica em ruínas e uma área envolvente com despojos industriais. Na altura a estratégia de intervenção passou por tratar o território, transformando-o num parque verde urbano, ao longo do vale de Coselhas, integrando a fábrica no conjunto. Esta transformação implicava também a revitalização das zonas adjacentes. Desta forma percebi que, apenas após sermos alertados para determinadas problemáticas, ficamos sensíveis para reconhecer e perceber realmente a sua existência, a ponto de nos interessarmos pela sua evolução.

Assim, esta dissertação tem como grande ambição despertar a atenção para um problema actual expondo, através dos vários exemplos internacionais, que é possível encontrar soluções para a revitalização de áreas industriais obsoletas; neste caso, expuseram-se soluções que passaram por criar parques verdes urbanos.



No entanto, as possíveis resoluções destas áreas não têm de se cingir a este procedimento. Uma vez inventariadas as inúmeras remanescências industriais, ocorrências que se têm multiplicado no nosso país, pode ser delineada uma estratégia para cada caso. Uma vez que cada estrutura industrial tem as suas características, é natural que surjam resultados e funções diferentes em cada um.

A escolha particular de reconversões para espaços verdes prendeu-se não só com as experiências pessoais relatadas anteriormente, mas também devido à importância que os espaços verdes urbanos detêm actualmente no modo de vida contemporâneo. Desde o aparecimento da indústria, estes espaços têm feito parte da preocupação dos planeadores. O êxodo rural e o conseqüente aumento de população nas cidades, permitiu o desenvolvimento do conceito de espaços verdes, que então funcionavam como locais de encontro e de passeio público. Ao longo dos séculos, a presença de elementos verdes no meio urbano tem-se tornado cada vez mais essencial, e actualmente essas áreas funcionam não só como zonas de lazer e recreio, mas também como razões para o aparecimento de novas infra-estruturas ou edifícios, como promotores de cultura e arte, ou como integradores de soluções de retenção ou armazenamento e desaceleração das linhas de água, no centro da urbanidade. São hoje em dia um atributo de peso, e condicionam, por exemplo, o valor dos terrenos vizinhos ou o aparecimento de investimentos; as cidades com mais área verde por habitante tendem a tornar-se as mais apetecíveis para se viver.

Assim, neste trabalho analisámos projectos de reconversão de estruturas industriais, adaptadas a uma nova função, neste caso para parques verdes. Com o crescimento das cidades, estas estruturas, outrora erguidas em locais estratégicos, entraram em desuso devido à sua função ser recolocada noutras estruturas mais actuais. Posteriormente atingidas pela obsolescência, apenas transmitiam a imagem de uma memória passada, tendo pouco ou nada a oferecer à sociedade actual. Os exemplos de reconversões tratados neste trabalho foram explorados



como uma possibilidade de reintegrar os testemunhos industriais, de valor arqueológico e identitário, na vida contemporânea, considerando as consequências para a envolvente urbana e social. Podemos concluir, principalmente através dos casos reais analisados, que apesar da paisagem pós-industrial poder ser considerada um espaço negativo, fragmentado e de difícil perceptibilidade, quando abordada de forma adequada suporta paisagens que podem contribuir significativamente para a qualificação do espaço urbano.

A reutilização adaptativa representa mais do que uma transformação física que estimula o aparecimento de outras construções, ou mais do que uma actualização das redes físicas da cidade; as reconversões desempenham um papel poderoso na alteração do tecido imaterial – como a mentalidade dos residentes locais –, e geram uma nova vivência em torno da área urbana respectiva. A área que anteriormente se apresentava empobrecida, ganha novos usuários. Podemos assim concluir que a preservação do património industrial é uma solução importante na evolução das cidades, e permite não só a conservação do edificado, mas também de objectos e das memórias que lhes estão associadas.

Relativamente ao IBA Emscher Park, a museificação assume-se como a técnica mais utilizada, para aludir aos tempos da industrialização. No entanto, este projecto possui não só uma capacidade cristalizadora, mas também dinamizadora. Podemos perceber que a revitalização do território permitiu intervenções associadas a outros conteúdos programáticos, para além do enorme corredor verde dedicado ao lazer, assente na descontaminação do rio. O projecto envolveu diversos artistas e vários profissionais de diferentes disciplinas, ganhando novas realidades. Permitiu a junção de áreas de cultura, desporto e eventos, a integração de elementos artísticos na paisagem, a regeneração da zona residencial, e posteriormente, o aparecimento de novos géneros de edifícios. Entre estes últimos temos a Escola de Design Comunicação e Gestão de Zollverein, da autoria dos arquitectos japonese SANAA, um Centro de Formação e um Centro de





Investigação e Tecnologia, entre outros. Não só o objectivo de revigorar as zonas industriais foi cumprido, como também se desenvolveu toda a região, estimulando as actividades humanas e a regeneração dos ecossistemas, tendo em conta a capacidade regeneradora de todos os elementos envolvidos; as experiências dos vários artistas ao longo do território, as várias intervenções, conseguiram a união de toda a região.

Ao contrário do exemplo anterior, que se desenvolve a nível territorial, os outros dois exemplos – o *High Line* e o *Paddington Reservoir Gardens* – aparecem como intervenções mais pontuais nos meios urbanos em que se inserem. Contudo, apresentam também o resultado de um longo processo de estudos e pesquisas, de tentativas e de cooperação. Com a reconversão destas estruturas, as zonas adjacentes ganharam uma nova vida: surgiram novos investimentos, novas habitações e mais residentes, cultivou-se a simbiose da arquitectura e da arte com a paisagem, divulgou-se a cultura e organizaram-se eventos e, acima de tudo, conservou-se a memória de um modo de vida passado. Na verdade criaram-se novas centralidades; os parques não foram apenas criados para apoiar as áreas residenciais, mas essas áreas residenciais crescem, pelo contrário, devido à presença do parque. É importante ter em conta que, dentro do grande leque de escolhas possíveis para as áreas obsoletas dos projectos mencionados, a solução verde surge como uma resposta natural às necessidades das cidades respectivas, e não como um desejo pessoal das entidades responsáveis pela iniciativa. Esta particularidade ditou o sucesso das intervenções realizadas.

Apesar de em Portugal haver a preocupação recente de preservar o património industrial, e existirem entidades que se ocupam do registo e da classificação desse património, há ainda uma grande distância entre a teoria e a prática. Algumas fábricas foram já alvo de acções de preservação ou reconversão, como é o caso da Central Tejo ou a antiga Fábrica de Fiação e Tecidos Lisbonense (hoje LX Factory), mas outras, em obsolescência ou em ruína, com igual valor



arquitectónico e patrimonial, caem no esquecimento ou são simplesmente ignoradas. Isto acontece devido à falta de estratégias governamentais adaptadas às especificidades da salvaguarda e reutilização deste património, e à ausência de uma consciência pública sobre o valor do mesmo. Os exemplos internacionais estudados mostram-nos que é possível e vantajoso devolver o valor a estas estruturas, mantendo a sua história e dotando-as com novos atributos, que as tornem prestigiadas e imprescindíveis aos olhos dos residentes, e também de outros visitantes, uma vez que são testemunhos muito próximos das comunidades. Uma vez que o principal património industrial está identificado, é esta prática que é preciso desenvolver em território nacional.

Com este trabalho percebemos também, que é fundamental a colaboração entre estas comunidades e os poderes privados, assumindo um papel pró-activo, e dando a perceber que as transformações destes espaços industriais em programas de função única comprometem a sua particularidade. Se optarmos pela sua reconversão para um programa público, potenciamos o surgimento de novos investimentos na área recentemente revitalizada, e a aceitação por parte da população é maior, particularmente apoiada pelo reforço da memória colectiva. Apesar dos produtos do processo industrial serem um recurso subvalorizado, têm a capacidade de se afirmar como poderosos regeneradores urbanos, tornando-se muitas vezes, na referência da cidade em que se inserem. É preciso valorizar e explorar de forma prática o modo como se olhou o património industrial em Nova Iorque, Sidney e na região do Ruhr.

Comprovou-se a possibilidade de adaptar áreas industriais obsoletas para outro programa, com sucesso, nomeadamente para parques verdes. Estas intervenções provam que este tipo de reconversão pode oferecer uma poderosa contribuição para a revitalização de áreas industriais descaracterizadas, e que pode estabelecer-se uma correlação fácil entre a obsolescência industrial e a criação de espaços verdes urbanos.



Conclusivamente, as cidades escolhidas podem rever-se como resultado das soluções que as diversas transformações físicas do legado industrial proporcionaram. Os três exemplos estudados não deram apenas uma nova vida às áreas em que se inserem, ao território circundante e aos seus habitantes; também se tornaram ícones, em motivos de reconhecimento das cidades respectivas, e representam uma inspiração actual para várias comunidades que enfrentam problemas semelhantes.

Tendo conhecimento da quantidade de situações de obsolescência industrial existentes actualmente no mundo, questionamo-nos se, com o estudo das mesmas e de estratégias para a sua revitalização, o não existiriam áreas cuja potenciação estimularia o desenvolvimento económico, social e ecológico da comunidade local, cristalizando simultaneamente a sua identidade e memória.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A+t : **revista trimestral de arquitectura y tecnologia – Espacios Colectivos in common I (Collective Spaces): The High Line, Phase I.** Nº25, 2005.
- BALIBREA, Mari Paz – **Memória e Espaço Público na Barcelona Pós-Industrial.** Coimbra: Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 67, 2003. pp.31-54.
- BANERJI, Robin - New York's High Line: Why cities want parks in the sky. BBC News Magazine. 2012. [em linha] . [Consultado em Novembro de 2012]. Disponível em: WWW:  
<URL: <http://www.bbc.co.uk/news/magazine-19872874>>.
- BALTAZAR, Rui Vitor – **Máquinas Urbanas.** Coimbra: Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. [s. n.] 2011. Prova Final de Mestrado Integrado em Arquitectura.
- BERENS, Carol – **Redeveloping Industrial Sites: A Guide for Architects, Planners, and Developers.** New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2011. 328 p. ISBN 9780470398241
- BRANA, Celestino; Tostões, Ana; Landrove, Susana – **A arquitectura da indústria, 1925-1965: Registo Docomomo Ibérico.** Barcelona: [S.l.] : Fundação Docomomo Ibérico, 2005. 276 p. ISBN 8460942953
- BUSQUETS, Joan – **“Barcelona Revisited: Transforming the City Within the City”** in CHARLESWORTH, Esther – **City Edge: Case Studies in Contemporary Urbanism.** Oxford : Architectural Press, 2005. pp. 34-49. ISBN 0750663537
- CARVALHO, Pedro Filipe Martins – **Espaço Industrial.** Coimbra: Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. [s. n.] 2006. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.
- CASTELLO, Lineu – **“Da Sustentabilidade da Subjectividade: o Projeto IBA Emscher Park.”** 2003 [em linha]. [consultado em Outubro de 2012]. Disponível em: WWW:  
<URL: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/636>>.



- CHARLESWORTH, Esther – **City Edge: Case Studies in Contemporary Urbanism**. Oxford : Architectural Press, 2005. 244 p. ISBN 0750663537
- CHOAY, Françoise - **A Alegoria do Património**. Lisboa : Edições 70, 2008. 306 p. ISBN 9789724412740.
- Comissão Organizadora – “**Introdução**” in SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.). **Reconversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. 17 e 18 de Outubro de 2002**. Porto: [S.l.]: Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003. pp. 3-8.
- CORSINI, José Maria – **Diseño Urbano: accesibilidad y sostenibilidad**. Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones, 2007. 223 p. ISBN 8496429458
- COUCEIRO, João, (coord.) – **Urbanidade e Património**. Lisboa: IGAPHE : URBE, D.L., 1998. 143 p.
- CUNHA, Hugo – **A Ecologização da Arquitectura: A Estratégia Ecológica no Caso IBA Emscher Park**. Coimbra: Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. [s. n.] 2012. Prova Final de Mestrado Integrado em Arquitectura.
- DAVID, Joshua – **Reclaiming the High Line**. Nova Iorque: Design Trust for Public Space, 2002. 92 p. ISBN 9780971694255
- DOMINGUES, Álvaro – “**Património Industrial e Requalificação Urbana**” in SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.). **Reconversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. 17 e 18 de Outubro de 2002**. Porto: [S.l.]: Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003. pp. 121-132.
- DUARTE, Cristiane; Pinheiro, Ethel – **Esquecimento e Reconstrução: Memória e Experiência na arquitectura da cidade**. *ArquiteturaRevista* – vol. 4, nº1. 2008. pp. 70-86. [em linha] . [consultado em Outubro de 2012] Disponível em: WWW:  
<URL: <http://www.arquiteturarevista.unisinos.br/pdf/44.pdf>>.



- FERREIRA, Vítor Matias – 1998. **“Património Urbano - A memória da cidade”** in COUCEIRO, João, (coord.), **Urbanidade e património**. Lisboa: IGAPHE : URBE, D.L., 1998. pp. 53-62.
- FIGUEIRA, Jorge; Vaz Milheiro, Ana – **“O final da fábrica, o início da ruína”** in BRANA, Celestino Garcia; Landrove, Susana; Tostões, Ana. **A arquitectura da indústria, 1925-1965: Registo DOCOMOMO Ibérico**. Barcelona: [S.l.]: Fundação Docomomo Ibérico, 2005. pp. 91-93.
- FOLGADO, Deolinda
- **“Paisagem Industrial. Utopia na salvaguarda patrimonial?”** in LARANJEIRO, Maria José. **Margens e Confluências, nº3**. Porto : Escola Superior Artística do Porto, 2001. pp. 65-89.
  - **“O lugar da indústria no território”** in BRANA, Celestino Garcia; Landrove, Susana; Tostões, Ana. **A arquitectura da indústria, 1925-1965: Registo Docomomo Ibérico**. Barcelona: [S.l.]: Fundação Docomomo Ibérico, 2005. pp. 91-93.
  - **“Património Industrial. Que memória?”** in JORGE, Vitor Oliveira, (coord.). **Conservar para quê?**. Porto : FLUP ; Coimbra : Centro de Estudos Arqueológicos, 2005. 404 p. ISBN 9729350876
- GARNIER, Tony - **Une Cité industrielle: étude pour la construction des villes**. Paris : Philippe Sens Éditeur, 1988. 193 p.
- GEHL, Jan; Gemzoe, Lars – **Novos Espaços Urbanos**. Barcelona : Gustavo Gili, 2002. 263 p. ISBN 8425219078
- GOKSIN, Ayse; Muderrisoglu, Burcu – **“Urban Regeneration: A Comprehensive Strategy For Creating Spaces For Innovative Economies”**. 2005[em linha]. [consultado em Fevereiro de 2012]. Disponível em: WWW: <URL:[http://www.isocarp.net/Data/case\\_studies/619.pdf](http://www.isocarp.net/Data/case_studies/619.pdf)>.
- HAMILTON, Jen – **Water Wonderland**. Julho de 2011. [em linha] . [Consultado em Dezembro de 2012]. Disponível em. WWW: <URL:<http://www.constructioninfocus.com.au/mag/ACFJuly2011/index.html?page=10>>.





- HAMMOND, Robert *apud* MARSHALL, Virginia R - Creator Discusses High Line Park's Unlikely Success. 2011 [em linha] . [Consultado em Novembro de 2012]. Disponível em: WWW:  
<URL: <http://www.thecrimson.com/article/2011/11/15/high-line-hammond-talk/>>.
- HUDSON, Kenneth – **“Preserving Industrial Monuments: What is possible and what is not” in I Encontro Nacional sobre o Património Industrial. Coimbra – Guimarães – Lisboa / 1986. Actas e Comunicações.** Coimbra : Coimbra Editora, 1989-1990. pp.35-50. ISBN 9723203936
- LABELLE, Judith M. - Emscher Park, Germany — expanding the definition of a “park” in HARMON, David - Crossing Boundaries in Park Management: Proceedings of the 11th Conference on Research and Resource Management in Parks and on Public Lands. 2001 [em linha] . [consultado em Outubro de 2012]. Disponível em: WWW:  
<URL:<http://www.glynwood.org/files/previous/pdfs/ArticlesandPresentationsByStaff/Emscher%20Park.pdf>>.
- LANDRY, Charles - **The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators.** Londres : Earthscan, 2000. 300 p. ISBN 1853836133.
- LETHMATE, Gudrun; Spiering, Harald - Emscher Landscape Park - a new regional park in the Ruhr área. [em linha] . [consultado em Outubro de 2012]. Disponível em: WWW:  
<URL: <http://www.fedenatur.org/docs/docs/238.pdf>>.
- LOURES, Luis – **“(Re)-Developing Post-Industrial Landscapes: Applying Inverted Translational Research coupled with the Case Study Research Method”.** 2008 [em linha] . [consultado em Setembro de 2012]. Disponível em: WWW:  
<URL:[http://www.cityfutures2009.com/PDF/68\\_Loures\\_Luis.pdf](http://www.cityfutures2009.com/PDF/68_Loures_Luis.pdf)>.
- LUBOW, Arthur – “The Anti-Olmsted.” Nova Iorque: The New York Times Magazine. 2004 [em linha] . [consultado em Novembro de 2012]. Disponível em: WWW:  
<URL:<http://www.nytimes.com/2004/05/16/magazine/the-anti-olmsted.html?pagewanted=all&src=pm>>.
- MACHADO, Aquilino - **Os espaços públicos da exposição do mundo português e da Expo' 98. Lisboa: Parque Expo 98, DL. Coleção Expoentes. 2006. 181 p. ISBN 9728106351**



- MAROT, Sébastien – **Sub-urbanism and the Art of Memory**. London : Architectural Association, cop. 2003. 82 p. ISBN 1902902262
- MATOS, Ana Cardoso de; Ribeiro, Isabel Maria; Santos, Maria Luísa – **“Intervir no Património Industrial: das experiências realizadas às novas perspectivas de valorização”** in SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.). **Reconversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. 17 e 18 de Outubro de 2002**. Porto: [S.l.]: Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003. pp. 21-34.
- MCGEEHAN, Patrick - The High Line Isn't Just a Sight to See; It's Also an Economic Dynamo *in* The New York Times. Junho de 2011. [em linha] . [Consultado em Dezembro de 2012]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.nytimes.com/2011/06/06/nyregion/with-next-phase-ready-area-around-high-line-is-flourishing.html>>.
- MELO, Conceição – **“Que Futuro para Antigas Fábricas Abandonadas?”** in Jornal “Público”. Agosto de 2012. [em linha] . [consultado em Outubro de 2012]. Disponível em: WWW: <URL:<http://jornal.publico.pt/noticia/20-08-2012/que-futuro-para-antigas-fabricas-abandonadas-25096514.htm>>.
- MENDES, José Amado – **“Uma nova perspectiva sobre o património cultural: preservação e requalificação de instalações industriais”** *in* **Gestão e Desenvolvimento, nº9**. Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional das Beiras – Departamento de Economia, Gestão e Ciências Sociais, Viseu, 2000. pp.197-212. [em linha] . [consultado em Outubro de 2012]. Disponível em: WWW: <URL:[http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/GestaoDesenv/GD9/gestaodesenvolvimento9\\_197.pdf](http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/GestaoDesenv/GD9/gestaodesenvolvimento9_197.pdf)>.
- MEROLA, Victoria Rabal – **“Reflexiones sobre la rehabilitación y musealización de los espacios industriales”** *in* SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.). **Reconversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. 17 e 18 de Outubro de 2002**. Porto: [S.l.]: Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003. pp. 35-42.
- MILHEIRO, Ana Vaz – “Refazer a Memória dos Homens”. [em linha] . [consultado em Novembro de 2012]. Disponível em: WWW: <URL:[http://homelessmonalisa.darq.uc.pt/AnaVazMilheiro/refazer\\_a\\_memoria\\_dos\\_homens.htm](http://homelessmonalisa.darq.uc.pt/AnaVazMilheiro/refazer_a_memoria_dos_homens.htm)>.



- POGREBIN, Robin – “First Phase of the High Line Is Ready for Strolling”. [em linha] . [consultado em Novembro de 2012]. Disponível em: WWW: <URL: <http://artsbeat.blogs.nytimes.com/2009/06/08/first-phase-of-high-line-is-ready-for-strolling/> >.
- Revista Area nº66: Save Energy. Power Plants Itineraries.
- SALGUEIRO, Teresa Barata – “**Cidade Pós-Moderna: Espaço Fragmentado**”. Rio de Janeiro: Laboratório de Gestão do Território da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1998. Revista TERRITÓRIO, Ano III, nº4. 87 p. [em linha] . [consultado em Setembro de 2012]. Disponível em: WWW: <URL:[http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/04\\_4\\_salgueiro.pdf](http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/04_4_salgueiro.pdf)>.
- SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.) – **Reconversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. 17 e 18 de Outubro de 2002**. Associação para o Museu da Ciência e da Indústria, Porto, pp. 21-34. ISBN 9729827737
- SELTMANN, Gerhard – Renaissance of na Industrial Region: Internationale Bauausstellung Emscher Park“–achievements and future model for others. 2007. [em linha] . [consultado em Setembro de 2012]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.riss.osaka-u.ac.jp/jp/events/point/P.Seltmann.pdf>>.
- SERRANO, Ana Catarina Bispo – **Reconversão de Espaços Industriais: três projectos de intervenção em Portugal**. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa. [s. n.] 2010. 172 p.
- SCHLEIPEN, Dominik – **IBA Emscher Park in** Quaderns d’arquitectura I urbanisme nº 225: Las escalas de la sostenibilidad.
- SIKAMAKI, Juha; Wernstedt, Kris - **Turning Brownfields into Greenspaces: Examining Incentives and Barriers to Revitalization**. Journal of Health Politics, Policy and Law, Vol. 33, No. 3, 2008. [em linha] . [consultado em Outubro de 2012]. Disponível em: WWW: <URL: [http://www.activelivingresearch.com/files/8\\_JHPPL\\_Wernstedt.pdf](http://www.activelivingresearch.com/files/8_JHPPL_Wernstedt.pdf)>.
- SILVA, Vasco Pinto da – **Revolução (Des)Industrial: Museificar, Reutilizar e Converter**. Coimbra: Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. [s. n.] 2009. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.





The High Line.Org – The High Line. [em linha] . [Consultado em Novembro de 2012]. Disponível em: WWW:

<URL: [http://www.american-architects.com/en/projects/detail\\_thickbox/25333](http://www.american-architects.com/en/projects/detail_thickbox/25333)>.

TZG Architects Page – Paddington Reservoir Gardens. [em linha] . [Consultado em Dezembro de 2012]. Disponível em: WWW:

<URL: <http://www.tzg.com.au/projects/paddington-reservoir>>.

VIDAL, Vicente Manuel Vidal – **“Indústria: cidade e território; a geografia da indústria”** in BRANA, Celestino Garcia; Landrove, Susana; Tostões, Ana. **A Arquitectura da Indústria, 1925-1965: Registo Docomomo Ibérico**. Barcelona: [S.l.]: Fundação Docomomo Ibérico, 2005. pp. 91-93. (mudar-ver páginas)

WANG, Lily – Babylon Reborn: Sydney’s Paddington Reservoir Gardens. [em linha] . [Consultado em Dezembro de 2012]. Disponível em: WWW:

<URL: <http://untappedcities.com/2012/10/08/babylon-reborn-sydneys-paddington-reservoir-gardens/>>.

WEILACHER, Udo – **Synthax of Landscape: the Landscape Architecture of Peter Latz and Partners**. Basel ; Boston ; Berlin : Birkhäuser, cop. 2008. 199 p. ISBN 9783764376154

World Buildings Directory – Paddington Reservoir Gardens. [em linha] . [Consultado em Dezembro de 2012]. Disponível em: WWW:

<URL: <http://www.worldbuildingsdirectory.com/project.cfm?id=2333>>.

ZABALBEASCOA, Anatxu – **"El Problema del Paisaje Actual es la Fragmentación"**: entrevista Peter Latz. 2008. [em linha] . [consultado em Dezembro de 2012]. Disponível em: WWW:

<URL: [http://elpais.com/diario/2008/03/15/babelia/1205539568\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2008/03/15/babelia/1205539568_850215.html)>.



M:AI (Museum für Architekturkunst Ingenieurkunst) (<http://www.mai-nrw.de/Start.83.0.html?&L=1>)

TICCIH, 2003. *Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial*, Nizhny Tagil. (Consultado em: <http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf>)



## FONTES DE IMAGENS

- pág. 18 – [http://www.langantiques.com/university/index.php/Industrial\\_Revolution](http://www.langantiques.com/university/index.php/Industrial_Revolution)
- pág. 20 – [http://www.mediaarchitecture.at/architekturtheorie/unique\\_city/2011\\_london\\_growth\\_en.shtml](http://www.mediaarchitecture.at/architekturtheorie/unique_city/2011_london_growth_en.shtml)  
<http://www.thehighline.org/>  
<http://thevoicefromthenorth.wordpress.com/2012/07/16/265-the-industrial-landscape-bernd-and-hilla-becher/>
- pág. 22 – <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/09/industria-textil-em-portugal-e-fnil.html>  
<http://www.flickr.com/photos/nunopacheco/page3/>
- pág. 24 – ESPÍRITO SANTO, Teresa Raquel Carvalho – Covilhã: paisagem industrial. Coimbra: Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, 2010. p. 16. Ibidem. p. 20.
- pág. 26 – <http://www.flickrriver.com/photos/13253658@N03/1478136448/>
- pág. 28 – <http://www.german-architecture.info/BER-001.htm>  
SERRANO, Ana Catarina Bispo – Reconversão de Espaços Industriais: três projectos de intervenção em Portugal. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa. 2010. p. 119.
- pág. 30 – [http://www.juntadeandalucia.es/viviendayordenaciondelterritorio/forodearquitectura/panorama\\_7.html](http://www.juntadeandalucia.es/viviendayordenaciondelterritorio/forodearquitectura/panorama_7.html)  
<http://barreirocriativo.blogs.sapo.pt/2007/12/27/>
- pág. 32 – FERREIRA, Bruna Daniela Caleiro - Arquitetura industrial em Coimbra no século XX : a zona industrial da Pedrulha. Coimbra: Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. 2012. p. 106.  
ESPÍRITO SANTO, Teresa Raquel Carvalho – Covilhã: paisagem industrial. Coimbra: Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, 2010. p. 28.
- pág. 34 – [http://figueiredoantunes.blogspot.pt/2010/11/coimbra\\_1192.html](http://figueiredoantunes.blogspot.pt/2010/11/coimbra_1192.html)  
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=376275&page=85>
- pág. 38 – <http://vilapampilhosa.blogspot.com/feeds/posts/default>  
[http://www.geopt.org/index.php?option=com\\_jfusion&Itemid=53&jfile=viewtopic.php&f=20&t=281&start=0](http://www.geopt.org/index.php?option=com_jfusion&Itemid=53&jfile=viewtopic.php&f=20&t=281&start=0)
- pág. 40 – [http://www.momentosdehistoria.com/MH\\_02\\_02\\_Marinha.htm](http://www.momentosdehistoria.com/MH_02_02_Marinha.htm)
- pág. 42 – <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=98909039>  
<http://www.paris-architecture.info/PA-071.htm>
- pág. 44 – <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1268793>  
<http://urban-networks.blogspot.pt/2012/02/paisajes-en-busca-de-un-lenguaje-la.html>
- pág. 46 – <http://www.viajesyturistas.com/historia-y-caracteristicas-del-coliseo-romano/>
- pág. 50 – [http://www.proap.pt/site/L\\_eng/projectos/ribeiradasnaus\\_d.html](http://www.proap.pt/site/L_eng/projectos/ribeiradasnaus_d.html)
- pág. 52 – [http://paris1900.lartnouveau.com/paris19/lieux/les\\_abattoirs\\_de\\_la\\_villette.htm](http://paris1900.lartnouveau.com/paris19/lieux/les_abattoirs_de_la_villette.htm)  
[maps.google.com](http://maps.google.com)
- pág. 54 – <http://lepamphlet.com/category/industriel/>



- pág. 56 – SERRANO, Ana Catarina Bispo – Reconversão de Espaços Industriais: três projectos de intervenção em Portugal. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa. 2010. p. 88.
- pág. 58 – <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=386952&page=3>
- pág. 64 – <http://www.fabricasantothyrso.pt/centro-interpretativo>
- pág. 76 – <http://architecture.about.com/od/museum1/ss/TateModern.htm>  
[http://en.wikipedia.org/wiki/Expo\\_2010](http://en.wikipedia.org/wiki/Expo_2010)
- pág. 78 – <http://www.archdaily.com/131747/shanghai-houtan-park-turenscape/>  
<http://www.archdaily.com/131747/shanghai-houtan-park-turenscape/>  
<http://www.publicspace.org/en/works/d005-westergasfabriek-park>  
<http://courses.umass.edu/latour/Netherlands/varro/index.html>
- pág. 80 – [maps.google.com](http://maps.google.com)  
[http://www.barcelonaturisme.com/Parc-del-Clot/\\_3Ngb8YjSpL3U56ScBHOWcxpDev\\_Vr2xexIn9h5JDs9F-qWy-yIsS2Q](http://www.barcelonaturisme.com/Parc-del-Clot/_3Ngb8YjSpL3U56ScBHOWcxpDev_Vr2xexIn9h5JDs9F-qWy-yIsS2Q)
- pág. 84 – <http://www.mai-nrw.de/Gebiet.71.0.html>
- pág. 86 – <http://www.mai-nrw.de/Gebiet.71.0.html>  
<http://www.b24.net/missions/MM050845.htm>
- pág. 88 – [http://www.iwapublishing.com/template.cfm?name=features\\_in\\_the\\_june\\_2004\\_edition\\_of\\_water21](http://www.iwapublishing.com/template.cfm?name=features_in_the_june_2004_edition_of_water21)  
<http://citypeak.blogspot.pt/>  
<http://www.flickrriver.com/photos/jschiemann/5654844695/>
- pág. 90 – <http://cparq.blogspot.pt/2009/05/arte-industrial-iba-emscher-park.html>
- pág. 92 – <http://www.landezine.com/index.php/2011/08/post-industrial-landscape-architecture/>  
<http://www.essen-fuer-das-ruhrgebiet.ruhr2010.de/en/programme/moving-europe/ruhr2030/european-future-congress.html>  
<http://co-tain.com/1565/arch/landscape-park-duisburg-nord-by-latzpartner/>
- pág. 94 – [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Landschaftspark\\_Duisburg-Nord\\_-\\_Blick\\_auf\\_Hochofen1-1.JPG](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Landschaftspark_Duisburg-Nord_-_Blick_auf_Hochofen1-1.JPG)  
<http://supersustainable.org/our-work/141-when-factories-close-down.html>  
<http://landarchs.com/re-use-abandoned-areas/>
- pág. 96 – <http://landarchs.com/re-use-abandoned-areas/>  
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/636>  
<http://landarchs.com/re-use-abandoned-areas/>
- pág. 98 – <http://land-studio.tumblr.com/post/25505995353/landschaftspark-duisburg-nord-designed-by>  
<http://www.fotocommunity.de/pc/pc/display/22675583>  
<http://www.fotocommunity.de/pc/pc/display/15923138>
- pág. 100 – <http://www.mai-nrw.de/Gewerbepark-Nordstern.39.0.html?&L=1>  
<http://citypeak.blogspot.pt/>  
<http://www.superstock.com/stock-photos-images/1848-3399>
- pág. 102 – [http://www.tripadvisor.in/LocationPhotos-g187375-d320073-Zollverein\\_Coal\\_Mine\\_Industrial\\_Complex\\_in\\_Essen-Essen\\_North\\_Rhine\\_Westphalia.html](http://www.tripadvisor.in/LocationPhotos-g187375-d320073-Zollverein_Coal_Mine_Industrial_Complex_in_Essen-Essen_North_Rhine_Westphalia.html)  
<http://www.bdonline.co.uk/buildings/inspirations/david-west-and->





- christophe-egrets-inspiration-zollverein-coal-mine-essen/5043658.article  
[http://landscapeandurbanism.blogspot.pt/2009\\_01\\_01\\_archive.html](http://landscapeandurbanism.blogspot.pt/2009_01_01_archive.html)
- pág. 104 – <http://www.mai-nrw.de/IBA-1999.56.0.html?&L=1>  
[http://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Bramme\\_by\\_Richard\\_Serra\\_1.jpg](http://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Bramme_by_Richard_Serra_1.jpg)
- pág. 106 – <http://architecture.about.com/od/greatbuildings/ig/Sejima-and-Nishizawa-Zollverein-School.htm>  
[http://landarchs.com/re-use-abandoned-areas/en.wikipedia.org/wiki/File:Wohnbebauung\\_Küppersbuschgelände\\_IBA\\_Em\\_scher\\_Park,\\_Gelsenkirchen,\\_Szyszkowitz-Kowalski.jpg](http://landarchs.com/re-use-abandoned-areas/en.wikipedia.org/wiki/File:Wohnbebauung_Küppersbuschgelände_IBA_Em_scher_Park,_Gelsenkirchen,_Szyszkowitz-Kowalski.jpg)
- pág. 108 – <http://www.mai-nrw.de/Gebiet.71.0.html?&L=1>  
[http://en.wikipedia.org/wiki/File:Gas\\_Works\\_Park\\_site,\\_1966.gif](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Gas_Works_Park_site,_1966.gif)
- pág. 110 – <http://cityparksblog.org/2012/08/13/turning-brownfields-into-parks/>  
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=261289>  
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1236241&page=12>
- pág. 112 – LEITÃO, Abílio – Memória da Exposição. Lisboa : Parque Expo'98, 1998.
- pág. 114 – <http://theboweryboys.blogspot.pt/2012/03/high-line-wild-wild-west-side-cowboys.html>  
<http://www.thehighline.org/>
- pág. 116 – <http://www.thehighline.org/>
- pág. 118 – <http://www.thehighline.org/>  
<http://www.coolhunting.com/culture/high-line.php>
- pág. 120 – <http://www.scoteckley.com/blog/?p=22>  
<http://www.thehighline.org/>  
 DAVID, Joshua – Reclaiming the High Line. Nova Iorque: Design Trust for Public Space, 2002.  
<http://futurecity.co.uk/the-high-line-symposium-oct-5th-6th-2012/>
- pág. 122 – [http://inhabitat.com/interview-architect-james-corner-on-the-design-of-high-line/3609028250\\_2493873e32\\_o/](http://inhabitat.com/interview-architect-james-corner-on-the-design-of-high-line/3609028250_2493873e32_o/)  
<http://arktetonix.com.br/2011/12/urbano-2-the-high-line-park/>  
<http://www.viajenaviagem.com/2012/06/high-line-nova-york/>
- pág. 124 – <http://arktetonix.com.br/2011/12/urbano-2-the-high-line-park/>  
[http://en.wikipedia.org/wiki/High\\_Line\\_%28New\\_York\\_City%29](http://en.wikipedia.org/wiki/High_Line_%28New_York_City%29)  
<http://www.dezeen.com/2011/06/13/the-high-line-section-2-by-diller-scofidio-renfro-and-james-corner-field-operations/>
- pág. 126 – <http://www.designboom.com/architecture/section-2-of-the-high-line-now-open/>  
<http://healthytastebuds.wordpress.com/page/4/>  
[http://www.sergiobarbalho.com/2011\\_08\\_01\\_archive.html](http://www.sergiobarbalho.com/2011_08_01_archive.html)
- pág. 128 – [http://www.boston.com/beyond\\_bigdig/cases/paris/index.shtml](http://www.boston.com/beyond_bigdig/cases/paris/index.shtml)  
<http://blog.rentxpress.com/guide-paris-pass-museum-cards/>  
 DAVID, Joshua – Reclaiming the High Line. Nova Iorque: Design Trust for Public Space, 2002
- pág. 130 – <http://www.designboom.com/architecture/section-2-of-the-high-line-now-open/>
- pág. 132 – [maps.google.com](http://maps.google.com)  
<http://openbuildings.com/buildings/paddington-reservoir-gardens-profile-5167>



- pág. 134 – <http://openbuildings.com/buildings/paddington-reservoir-gardens-profile-5167>  
[http://sydneyearlydailyphot.blogspot.pt/2009/08/paddington-reservoir-garden-bit-of\\_10.html](http://sydneyearlydailyphot.blogspot.pt/2009/08/paddington-reservoir-garden-bit-of_10.html)  
<http://thepocketroad.com/places/paddington>  
<http://www.cityofsydney.nsw.gov.au/development/cityimprovements/completedprojects/PaddingtonReservoirGardens.asp>
- pág. 136 – <http://thepocketroad.com/places/paddington>  
<http://yangxiaofan.0.blog.163.com/blog/static/448202322011861026317/>  
<http://www.outdoordesign.com.au/article/AILA-Awards-2010/0347>  
<http://www.tzg.com.au/projects/paddington-reservoir>
- pág. 138 – <http://openbuildings.com/buildings/paddington-reservoir-gardens-profile-5167>  
<http://openbuildings.com/buildings/paddington-reservoir-gardens-profile-5167>



# ÍNDICE

INTRODUÇÃO. Página 11

HERANÇA INDUSTRIAL. Página 19

Origem e Decadência do Legado Construído pelas  
Etapas Iniciais da Revolução Industrial. Página 23

PRESERVAÇÃO e MEMÓRIA. Página 37

Preservação Física dos Valores Arqueológicos. Como e Porquê?. Página 41

Memória da Indústria ou Memória Identitária dos Lugares?. Página 61

OLD SPACES, NEW IDEAS. Página 73

IBA Emscher Park. Página 85

High Line Park. Página 115

Paddington Reservoir Gardens. Página 133

CONSIDERAÇÕES FINAIS. Página 141

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Página 153

FONTES DE IMAGENS. Página 169







